

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**CRIANÇAS DE DOIS A QUATRO ANOS DE IDADE:
CONFLITOS E SUA RESOLUÇÃO**

Juliana de Souza Camargo

Goiânia
2001

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**CRIANÇAS DE DOIS A QUATRO ANOS DE IDADE:
CONFLITOS E SUA RESOLUÇÃO**

Juliana de Souza Camargo

Dissertação apresentada ao mestrado em
Psicologia da Universidade Católica de Goiás

Orientador Prof. Dr. Francisco Dionísio Mendes

Goiânia
2001

“Agressão pode certamente existir sem a sua outra face, o amor, mas inversamente não há amor sem agressão.”

Konrad Lorenz

Aos meus pais Wanderley e Nelita, pelo apoio e dedicação em todos os momentos importantes de minha vida.

Agradecimentos

A todos os amigos que adquiri durante estes dois anos. Amigos estes que me ajudaram a solucionar dificuldades, me ensinando nos momentos de dúvida, ajudando nas situações de desespero e incentivando nos momentos de tristeza e desamparo. Agradeço em particular:

Ao Dida pela confiança e oportunidade de realização do mestrado;

Ao Weber, Lauro pelos esclarecimentos estatísticos;

À Ágda pela amizade e apoio;

À Augusta e tia Ilka pela supervisão ortográfica do texto;

Aos meus pais Wanderley e Nelita, e a meus irmãos, Camila e Júnior, pelo estímulo, ajuda e principalmente paciência;

Em especial ao Dwain pela paciência, disponibilidade e pelas sugestões na parte metodológica e nas análises estatísticas.

Índice

I - Introdução	1
II - Metodologia	17
III – Resultados	26
IV – Discussão	41
Referências Bibliográficas	53
Anexos	57

Resumo

Este trabalho teve o intuito de caracterizar as diferentes formas de conflito e sua resolução entre crianças de 2 a 4 anos de idade. Dados sobre o sexo e os comportamentos dos protagonistas e de terceiros envolvidos em 249 episódios de conflitos foram registrados a partir do método de todas as ocorrências. Obteve-se um maior número de conflitos iniciados por meninos (214) do que por meninas (35). Não foram encontradas diferenças de gênero em relação à categoria inicial do conflito, ao comportamento de “primeira resposta” da vítima, à forma de resolução do conflito e à frequência de interferências da professora. Não houve dependência significativa entre o comportamento de início e a forma de resolução dos conflitos, mas sim entre o comportamento de início e a primeira resposta da vítima: agressões foram mais frequentemente seguidas de agressões, enquanto objeções foram as respostas mais comuns para “assaltos”. Comportamentos afiliativos ocorreram entre os adversários em 42% dos episódios. Não houve dependência entre a ocorrência da afiliação e o gênero dos protagonistas. Uma análise de regressão logística direta indicou que o envolvimento de um terceiro indivíduo, e o afastamento dos adversários após o conflito, são fatores negativamente correlacionados à ocorrência de afiliação entre os protagonistas no pós-conflito.

Abstract

With this work we intended to characterize the different forms of conflict between 2 to 4 year old children, and their resolution. Data on the sex and behavior of protagonists and third parties involved in 249 episodes of conflict were registered using the all occurrences sampling method. Boys initiated a greater number of conflicts than girls (214 and 35). No gender differences were found in relation to the initial category, to the first response of the victim, to the form of resolution, and to the frequency of interferences from the teacher. The initial behavior within the conflict was not dependent with the form of resolution, but it was with the first response of the victim: aggression was more frequently followed by aggression; objection was the most common response to disputes involving objects. Affiliative behavior between protagonists occurred in 42 % of the episodes. There was no dependency between the occurrence of affiliation and the gender of protagonists. A direct logistic regression indicated that the involvement of a third party, and the separation of adversaries are negatively correlated to the occurrence of affiliation following

I – Introdução

A vida em sociedade pode trazer numerosos benefícios, como maior proteção contra predadores, possibilidade de cooperação na obtenção e defesa de recursos alimentares e formação de laços de amizade. Por outro lado, o estabelecimento de grupos sociais traz consigo um aumento da competição por recursos como comida, água, parceiros (Walters & Seyfarth 1987) e objetos no caso dos humanos. A competição social se encontra intimamente relacionada à presença de conflitos sociais e ao desenvolvimento de comportamentos agressivos entre os indivíduos de um grupo.

A agressividade pode ser entendida sob vários aspectos. Para Wilson (1975), "um comportamento agressivo seria uma ameaça ou ação que reduza a liberdade de outro indivíduo" (citado em Lauer 1992, p.172). Berkowitz (1988) a caracteriza como um comportamento que pode trazer algum prejuízo físico ou psicológico a outrem.

Ao estudar a origem dos comportamentos conflituosos em crianças pré-escolares, Lewis Coser (1956) (citado em Caplan *et al.* 1991), distinguiu os conflitos em “realísticos” e “sociais”. Os conflitos do primeiro tipo se apresentariam como uma tentativa de obtenção de um objeto, ocorrendo por exemplo em situações onde há escassez de recursos. Já os conflitos ditos como necessariamente “sociais”, da mesma forma refletiriam o desejo de possuir um objeto, entretanto, neste caso, apesar de outros recursos disponíveis se deseja o objeto que se encontra na posse de outro indivíduo, fato que levaria ao aborrecimento do outro.

Strayer e Strayer (1976), com o intuito de constatar a relação entre interações agonísticas e relações de dominância, observaram diretamente o comportamento de pré-escolares em atividade livre durante 30 horas. Foram registrados 443 conflitos, dentre os quais 39% continham alguma forma de ataque físico, na maioria das vezes “bater” e “empurrar”.

“Gestos de ameaça” foram o segundo tipo mais freqüente de iniciação de encontros agonísticos (33%), seguido por “disputa” por objetos.

Castro e Carvalho (1981), em uma análise de 790 incidentes agressivos observados diretamente entre crianças de 3 a 6 anos, categorizaram 14 motivos ou contextos de iniciação de episódios agressivos. As categorias mais freqüentes foram as que envolvem o uso aparentemente espontâneo de força ou poder sobre o outro (agressão física ou ameaça espontânea, impedimento da ação da outra criança, agressão verbal espontânea); a seguir apareceram as categorias que envolviam disputa por recursos do ambiente (brinquedos ou objetos, locais); menos freqüentemente os incidentes agressivos ocorreram no decorrer de interações sociais – por exemplo, brincadeira física que se transforma em briga, proposta de interação recusada etc.

Ao investigar a natureza e estrutura dos conflitos sociais, Hay e Ross (1994) observaram durante quatro dias consecutivos o comportamento de 24 pares de crianças, com 21 meses de idade e que não se conheciam anteriormente. Concluíram que os conflitos em crianças pequenas se caracterizavam, em sua maioria, por disputas por brinquedos. Percebe-se então que os conflitos apresentam tanto traços sociais quanto instrumentais (citado em Caplan et al. 1991).

Conflitos entre crianças podem ser influenciados por uma série de fatores de ordem fisiológica, psicológica e social, sendo que a agressividade ou competição por recursos pode diferir em freqüência e qualidade de acordo com: a) Os graus de amizade. b) Ambiente onde ocorrem. c) A idade. d) O gênero das crianças. e) Presença de hierarquias de dominância etc. (Nelson & Aboud 1985, Caplan et al. 1991, Hartup et al. 1993, Butovskaya & Kozintsev 1999).

a) Grau de amizade

A partir da associação entre entrevistas e observação direta do comportamento de 53 crianças com idade média de quatro anos e três meses, Hartup e col. (1988) definiram crianças amigas como aquelas que se conhecem, que freqüentemente participam das mesmas brincadeiras e engajam com mais freqüência em comportamentos “positivos” (brincadeiras e afiliação) do que em atividades “negativas” (agressão e disputa). Para os autores, a amizade entre crianças implica basicamente em dois fatores. Primeiramente, amigas seriam aquelas crianças que passam grande parte de seu tempo próximas e fazendo geralmente as mesmas coisas, isto é, dividindo os mesmos objetos. Um segundo fator seria a questão de geralmente se engajarem em objetivos comuns. Por sua vez, Carvalho (1992) ao estudar as relações de amizade entre crianças de 2,5 à 12 anos de idade mostrou que elas têm uma tendência natural a formar vínculos. De acordo com a autora seriam três os componentes do conceito de amigo. Primeiro convivência, depois afinidade e, por último, cumplicidade (citado em Fríoli 1997, p.5).

Observando crianças entre 4 e 7 anos de idade em atividade livre, Fríoli (1997) concluiu que conflitos sociais são mais freqüentes entre indivíduos que mantêm vínculos sociais estreitos - ou seja entre crianças amigas - do que entre aquelas independentes socialmente. De forma semelhante, Dodge e col. (1990) ao verificar o comportamento de grupos de meninos de cinco e seis anos que não se conheciam, observaram que à medida que estes iam se conhecendo, ocorria um aumento de comportamentos agressivos e de disputas por objetos; ou seja, com o estabelecimento de vínculos de amizade entre as crianças estas tendiam a apresentar um maior número de conflitos.

Os conflitos entre amigos e não amigos podem diferir também em qualidade. Nelson e Aboud (1985) estudaram as interações entre amigos e não amigos em situações de conflito, explorando os conteúdos das discussões quando estes tentavam resolver um problema. Os

sujeitos foram 192 crianças de terceira e quarta séries, vindas de cinco diferentes escolas. Primeiramente, as crianças foram pré-testadas para averiguação de suas respostas a problemas sociais. Depois foram aleatoriamente colocadas juntas com um amigo ou um não-amigo, que deveria discordar de suas respostas e posteriormente discutir sobre o assunto. Os pesquisadores viram que amigos respondem aos conflitos de forma diferente dos não-amigos quanto ao contexto da discussão. Amigos dão mais explicações sobre suas posições e realizam mais críticas a seus parceiros, além de apresentarem soluções mais maduras.

De forma similar, Hartup e col. (1993) examinaram a relação entre agressividade e grau de amizade em crianças com idades entre 9 e 10 anos. As observações foram realizadas em situação de campo fechado, enquanto duplas constituídas por amigos e não-amigos usavam um jogo de tabuleiro, desenvolvido pelos experimentadores. Nesta situação ocorreram mais conflitos entre amigos do que entre não-amigos e os conflitos entre amigos eram mais longos. Entretanto, ao contrário de Nelson e Aboud (1985) não foram encontradas diferenças quanto à dinâmica das discussões.

Segundo Nelson e Aboud (1985), conflitos entre amigos promovem mais desenvolvimento social que conflitos entre não amigos. À medida que as crianças aparentemente se mostram mais francas e honestas com seus amigos, isso poderia encorajar mais tolerância e argumentação (Smollar & Younis 1982; citado em Nelson & Aboud 1985 p. 1009). Por outro lado para Hartup e col. (1988) as estratégias de resolução de conflito utilizadas por amigos levam a uma maior possibilidade de manutenção dos relacionamentos e interações.

b) Espaço Físico e Disponibilidade de Recursos

Aspectos do ambiente físico podem influenciar as interações e a organização espacial dos indivíduos no grupo. Quando crianças estão em lugares pequenos demais, quando a

brincadeira requer cooperação e divisão de tarefas entre os parceiros, ou quando os recursos são escassos, os conflitos são mais frequentes (Smith & Connolly 1972, Hartup *et al.* 1993). A organização do espaço físico pode também afetar a qualidade dos relacionamentos intragrupais e conseqüentemente, as situações de conflito.

Segundo Fríoli (1997), a proximidade espacial pode, como no caso dos primatas não-humanos, induzir a um número maior de conflitos. Em situação de brincadeira livre, as crianças apenas ficam próximas umas das outras se tiverem vontade. Apresenta-se assim uma relação estreita entre a distribuição espacial das crianças e suas relações de amizade. Amigos passam mais tempo juntos, por conseguinte se relacionam mais, brigam com maior frequência e com mais facilidade fazem as pazes. Em seu estudo, Hartup e col. (1993) encontraram que em situação de campo fechado amigos brigam mais que não-amigos.

Outra questão importante diz respeito à disponibilidade de objetos e/ou brinquedos. Caplan e col. (1991) observaram, em dois dias consecutivos, os conflitos ocorridos em grupos de três crianças (um menino e duas meninas ou uma menina e dois meninos) que não se conheciam anteriormente, em situações nas quais brinquedos eram oferecidos com abundância e em escassez. Os pesquisadores verificaram que não houve um aumento no número de conflitos quando os recursos disponíveis eram escassos. Já a presença de cópias dos objetos causou uma redução na frequência dos episódios de conflitos.

c) Idade

Aparentemente os conflitos entre crianças passam de uma forma mais física (envolvendo agressão e disputa por objetos) para formas mais ritualizadas e se tornam mais duradouros com a idade. Desta forma, observa-se que a agressão se tornaria menos física e mais verbal (Maccoby & Jacklin 1985). Strayer (1992), por sua vez, verificou que em grupos

de crianças mais velhas a competição é menos provável de levar à dispersão social dos interagentes.

Observando conflitos e “reconciliações” entre crianças entre quatro e sete anos de idade em atividade livre, no pátio de uma escola, Fríoli (1997) constatou que entre crianças menores os conflitos geralmente se apresentavam na forma de disputas por objetos, sendo mais físicos do que verbais. A pesquisadora verificou a ocorrência de dois fatores interessantes relacionados à idade: as agressões se tornaram cada vez mais verbais (incluindo ameaça e argumentação) e ocorreu um aumento da apresentação de comportamentos conciliatórios no período pós-conflito. Com isso, a autora conclui que os comportamentos agressivos se ritualizam durante do desenvolvimento.

Num estudo sobre a resposta das crianças à provocação por seus parceiros, Underwood e col. (1992) observaram crianças de 8, 10 e 12 anos de idade no laboratório. Durante as sessões os sujeitos perdiam um jogo de computador para um adversário da mesma idade e mesmo sexo, que tinha a função de zombar do perdedor. Consideradas as respostas das crianças envolvendo expressões faciais, verbalizações e gestos, houve uma diminuição da expressão da raiva com a idade - crianças mais velhas faziam poucos comentários negativos, poucas observações sobre o jogo e quase nunca comentavam sobre eles mesmos ou o adversário.

De acordo com Eckerman e col. (1989), por volta do segundo ano de vida ocorre um aumento das habilidades motoras e verbais que dá origem a capacidades gerais de interação, que por sua vez, levam ao aumento no número de conflitos. Isso também foi mostrado por Caplan e col. (1991) em seu estudo, onde crianças de dois anos apresentaram um maior número de conflitos do que as de um ano.

d) Gênero

A maioria dos estudos sobre diferenças de gênero e comportamento agressivo em crianças aponta para mais agressão entre meninos do que entre meninas (Blurton-Jones 1972; Smith & Green 1975; Lauer 1992; Fríoli 1997; Butovskaya & Kozintsev 1999). Aparentemente os meninos demonstram sua “raiva” mais abertamente do que meninas; geralmente fazendo mais comentários e gestos negativos (Underwood *et al.* 1999).

Maccoby e Jacklin (1980) analisaram 32 estudos observacionais sobre o assunto e encontraram uma diferença altamente significativa entre os gêneros. Vinte e quatro destes estudos mostram mais agressividade por parte de meninos, sendo que em oito não foram demonstradas diferenças significativas entre meninos e meninas e em nenhum dos grupos observou-se mais agressão entre as meninas.

Lauer (1992) estudou a variabilidade nos padrões de comportamentos agonísticos em 12 grupos de crianças pré-escolares, de nacionalidades israelita e americana (nascidas nos Estados Unidos). Foram registrados 3200 episódios de conflito em 916 horas de observação, pelo método de registro de “todas as ocorrências”. De um modo geral os meninos participaram de mais interações agonísticas do que as meninas. Em sete dos grupos não foram encontradas diferenças significativas de gênero. Já em três grupos (dois israelitas e um estadunidense), as meninas participaram de um número significativamente maior de encontros agonísticos que os meninos.

Butovskaya e Kozintsev (1999) estudaram agressividade, relações de amizade e reconciliação em um grupo de crianças russas entre seis e sete anos de idade, a partir do método utilizado por estudos etológicos com primatas, “matched-control” (de Waal & Yoshihara 1983). Viram que meninos foram cerca de três vezes mais agressivos do que as meninas, mas o sexo da vítima aparentemente não influenciou na frequência das agressões. Por outro lado Caplan e col. (1991), em um estudo com grupos de três crianças entre um e

dois anos de idade, observaram que grupos com mais meninas de 12 meses de idade usaram mais da força, enquanto os grupos com mais meninos usaram mais resoluções pacíficas.

e) Presença de hierarquias de dominância

O estabelecimento de hierarquias estáveis de dominância entre grupos de primatas geralmente ocorre através de ataques, ameaças ou competição. Entretanto após seu estabelecimento, hierarquias estáveis de dominância funcionam como minimizadora da agressão intragrupal através da estabilização e semipermanência da seqüência dos indivíduos no “ranking” social (Strayer & Strayer 1976).

Tem-se observado a existência de hierarquias de dominância em grupos de crianças pequenas. Strayer (1992), ao observar a organização das estruturas afiliativas e agonísticas em crianças entre um e seis anos de idade (em atividade livre e atividade estruturada), verificou o estabelecimento de hierarquias de dominância estáveis desde um e dois anos de idade, mostrando que indivíduos desta idade já são capazes de exercer dominância sobre outros membros do grupo. Lauer (1992) observa que “Rankings” de dominância em crianças mostraram diferenças claras de gênero, podendo apresentar tanto meninas como meninos em posições elevadas.

Entretanto, vale notar que em grupos de pré-escolares aparentemente a posição hierárquica ocupada pela criança não prediz necessariamente a freqüência de participações em encontros agonísticos. Um indivíduo em posição elevada pode se envolver em um menor número de encontros agonísticos do que um indivíduo de posição inferior (Strayer & Strayer 1978).

f) Outros fatores que podem influenciar os conflitos

Outro fator a se considerar no entendimento do que acontece durante um episódio de conflito seria a aceitação do indivíduo no grupo e sua competência social (status). Dodge e col. (1990) estudaram a relação entre o status social e comportamento agressivo de meninos entre cinco e seis anos de idade, que não se conheciam anteriormente. A partir de uma sociometria verbal foram definidas quatro classes de status social: indivíduos populares, rejeitados, negligenciados e com interações regulares ou medianos. Foram formados 23 grupos, cada um composto com dois indivíduos regulares, dois rejeitados, um popular e um negligenciado. As observações de cada grupo aconteceram em uma sala de laboratório durante cinco dias consecutivos e tinham a duração de 45 minutos. Meninos rejeitados por seus colegas, ou seja, que foram pouco escolhidos para participarem em brincadeiras de grupo, apresentaram um maior número de atividades solitárias, exibiam mais “respostas de raiva” e agressão instrumental. Por outro lado, garotos populares demonstraram mais atividades de grupo.

Em outro estudo sobre a relação entre agressividade e status social, Coie e col. (1991) observaram o comportamento de meninos negros com sete e nove anos de idade em situação experimental. Considerando aspectos quantitativos e qualitativos das interações agonísticas, verificaram que, na idade de 9 anos, os meninos rejeitados iniciam mais episódios agressivos do que os meninos não-rejeitados. A agressão instrumental (envolvendo objetos) se relacionou em ambas as idades à rejeição pelos parceiros, sendo que o efeito da rejeição foi mais verificado no grupo das crianças mais velhas. Entre garotos rejeitados houve mais hostilidade entre os parceiros, além de certa tendência a violar regras. De acordo com os autores as características quantitativas (número de ocorrência de conflitos), bem como as

qualitativas (tipo de episódios agressivos), se apresentam como aspectos importantes na distinção entre meninos rejeitados e meninos aceitos por seus colegas.

Fabes e Eisenberg (1992) examinaram o sentimento de raiva em crianças pré-escolares, em atividade livre, demonstrando uma relação entre o tipo da resposta dada à provocações e o grau de competência e aceitação social do indivíduo. A probabilidade de indivíduos socialmente competentes se engajarem em episódios envolvendo o sentimento de raiva foi menor. As autoras concluem que crianças com competência e popularidade social, lidam com a raiva de maneira a diminuir futuros conflitos e prejuízos as relações grupais.

A resolução do conflito

Episódios de conflito afetam a estrutura dos sistemas sociais, a estabilidade dos laços individuais, a distribuição espacial dos indivíduos e a intensidade da comunicação, além de se constituírem em uma maioria dos casos em uma inegável fonte de tensão e desconforto (Butovskaya & Kozintsev 1999).

Apesar de suas conseqüências negativas, os comportamentos agressivos apresentam características adaptativas e em muitos casos, se faz necessário que um indivíduo ataque ou se defenda, não apenas no resguardo de sua integridade física mas também para conquistar territórios, ter acesso a fêmeas ou ascender até posições sociais favorecidas (macho alfa etc.) (van Schaik 1983). Entretanto, é preciso levar em conta que a agressão traz consigo custos individuais e sociais, devendo ser modulada e até inibida em algumas condições peculiares (Fríoli 1997; Maier 1988).

Em grupos de crianças, os custos das interações agonísticas podem envolver o castigo dos pais e professores e o risco da perda de amor e de objetos. Por outro lado os benefícios incluem o acesso a pessoas, lugares e objetos. (Lauer 1992). De qualquer forma, tanto para quem agride quanto para quem é agredido existem vantagens em não levar adiante um

confronto agonístico, restringindo-o às fases ritualizadas (Fríoli 1997). Segundo Hartup e col. (1993), as crianças gerenciam seus conflitos de maneira a minimizar os riscos para suas interações futuras.

Mason e Mendonza (1993) consideram que o potencial destrutivo e desagregador do conflito contribui para a seleção de vários comportamentos ritualizados, observados em quase todas as espécies primatas. Para de Waal (1989), existem algumas convenções sociais ou regras que governam as interações durante o conflito e servem para estabilizar ou preservar relações de amizade. Alguns autores apontam para o fato de que haveriam vantagens em se desenvolver sinais de comunicação que indicassem submissão e que levassem ao término de uma interação agonística (Eibl-Eibesfeldt 1970, de Waal 1993).

A apresentação de certos comportamentos característicos em um período após o conflito vem sendo observada em várias espécies primatas. Esses foram chamados por Ljunberg e col. (1999) de “mecanismos reparadores” e aparentemente têm a função de dissipar as conseqüências negativas da agressão (Castles & Whitten 1998; Ljunberg *et al.* 1999). Tais comportamentos seriam: o consolo - interações afiliativas entre a vítima e um indivíduo não envolvido no conflito (de Waal & van Roosmalen 1979); o redirecionamento da agressão - agressão da vítima direcionada a um terceiro indivíduo (Katz 1994), as atividades deslocadas - comportamentos da vítima que expressam stress, tais como se coçar, se sacudir ou se acariciar (Aureli & Veenema 1997, Castles & Whiten 1998), e a reconciliação - interação amigável entre adversários logo após o conflito (de Waal 1993).

A apresentação de comportamentos amigáveis entre antigos adversários se mostra como uma forma especialmente interessante de redução dos efeitos negativos da agressividade no grupo social, possuindo ainda a função de restaurar a tolerância entre os indivíduos (Cords 1998, Fríoli 1997). A reconciliação serviria para reassegurar a estabilidade

dos laços afiliativos, momentaneamente quebrada pelo efeito dispersivo do contato agonístico (Mendes 1990).

Na etologia, o termo reconciliação foi utilizado pela primeira vez por de Waal e van Roosmalen (1979) para descrever interações afiliativas que ocorriam entre adversários logo após uma agressão. Nestas situações os protagonistas do conflito engajavam em contatos amigáveis e/ou afiliativos em um período imediatamente após o conflito. Comportamentos afiliativos seriam várias formas de contato corporal, envolvendo ou não verbalizações, tais como abraçar, beijar, pedir desculpas, tocar suavemente etc. (Ljungberg *et al.* 1999). Considerava-se que houve reconciliação quando as interações afiliativas, entre os protagonistas do conflito, ocorressem mais no período pós-conflito (PC) do que em outros períodos, onde não tenham ocorrido interações agonísticas prévias.

Com o intuito de obtenção de dados sobre a reconciliação, o comportamento da vítima da agressão no período após o conflito (PC) é comparado com o comportamento do mesmo indivíduo, em uma situação social onde não tenha ocorrido conflito (MC). Para que haja reconciliação a taxa de comportamentos afiliativos, entre os antigos adversários, deve se apresentar mais elevada no período pós-conflito (PC) do que no período de linha de base (MC). Este método de coleta e análise de dados é conhecido como “matched-control” (de Waal 1993).

A reconciliação foi relatada em mais de 20 espécies primatas (Ljungberg *et al.* 1999). de Waal e Roosmalen (1979) examinaram os comportamentos de reconciliação e consolo em um grupo de chimpanzés que viviam em semi-cativeiro num zoológico. Foram registrados 350 episódios de conflitos, dentre os quais 150 ocorreram em campo fechado e 200 em campo aberto. Observou-se certa tendência a contatos amigáveis característicos entre os oponentes logo após o conflito (beijos, abraços, pegar na mão, vocalização submissa e tocar). Os dados sugerem que neste período a maioria dos sujeitos prefere manter contato com seu oponente e

não com outros indivíduos do grupo. Os autores propõem ainda que as interações conflituosas devem ocorrer mais entre os animais que freqüentemente interagem entre si.

Castles e Whiten (1998) estudaram a resolução de conflito em um grupo de macacos babuínos (*Papio anubis*) que viviam em liberdade. A partir do método “matched control” (comparação do comportamento da vítima no período pós-conflito e em outras situações) observou-se reconciliação, aparentemente não influenciada pela idade ou sexo dos envolvidos.

Aureli e Veenema (1997) observaram que a reconciliação pode se relacionar ao grau de parentesco entre os indivíduos em três espécies de macacos do gênero: macacos-japoneses (*Macaca fuscata*), macacos de cauda longa (*Macaca fascicularis*) e macacos bárbaros (*Macaca sylvanus*). Os autores sugerem que a reconciliação tende a ser mais freqüente entre indivíduos com relações sociais estreitas, tais como aqueles que ajudam os outros em situações agonísticas, ou são parceiros nas brincadeiras.

Katz (1994) investigou o comportamento pós-conflito de chimpanzés, em situação de semi-cativeiro, enfatizando as interações do agressor com terceiros. Foram registrados 79 conflitos durante cinco meses de observação, a partir da comparação entre o comportamento do agressor, no período imediatamente posterior ao conflito, e em um período onde não houve agressão anterior (situação de controle). Os resultados demonstram a ocorrência de reconciliação, entretanto o consolo não foi observado. Tanto interações afiliativas quanto comportamentos submissos entre um terceiro animal (não envolvido no conflito) e o agressor foram mais prováveis após o conflito do que na situação de controle.

Cords (1992), num estudo sobre os macacos de cauda longa (*Macaca fascicularis*) em situação experimental onde a agressividade era induzida, sugere que a reconciliação pode produzir a diminuição da motivação agressiva do adversário, bem como uma redução do medo da vítima.

Alguns pesquisadores têm questionado a aplicabilidade do conceito de reconciliação a grupos de crianças. De acordo com Butovskaya e Kozintsev (1999), é impossível demonstrar reconciliação em crianças porque, na maioria das vezes, o método usado nestes estudos não é o mesmo utilizado nos estudos com macacos (“matched-control”). Entretanto, o método “matched-control” parece ser limitado quando utilizado em estudos sobre a resolução de conflitos em pequenos grupos de crianças interagindo em áreas fechadas, principalmente porque conflitos entre crianças pequenas geralmente envolvem mais de dois indivíduos em algum dos seus estágios. Por conseguinte, o registro em vídeo ou mesmo observação direta poderia possibilitar a análise dos comportamentos pós-conflito de todos os sujeitos participantes na situação agonística, e não apenas enfatizar os comportamentos da vítima (Ljungberg *et al.* 1999). Butovskaya e Kozintsev (1999) sugerem que em crianças a motivação à “reconciliação” pode partir tanto do agressor quanto da vítima. Seria importante então, observar o comportamento de ambos. Outro fator, levantado por Ljungberg e col. (1999), diz respeito à importância do registro da aceitação ou não do comportamento afiliativo pelo adversário. Este fator pode influenciar na frequência de ocorrência de agressividade e de atividades deslocadas.

Apesar dos questionamentos apresentados quanto à presença de reconciliação em grupos de crianças e do escasso número de pesquisas enfatizando a resolução de conflitos, tem-se demonstrado que os seres humanos, como outros animais sociais, tendem a concluir seus conflitos intraespecíficos a partir da apresentação de comportamentos estereotipados que geralmente indiquem submissão (Strayer & Strayer 1976; Maier 1988). Em crianças pré-escolares ocorre um grande número de situações onde adversários anteriores são observados interagindo entre si no período imediatamente após a resolução do conflito. Estas interações se caracterizam como amigáveis ou afiliativas, como brincar juntos, oferecer um objeto etc. (Strayer & Strayer 1976).

Ao examinar episódios de conflito em crianças de cinco anos e sete meses de idade, Sackin e Thelen (1984) verificaram que a maioria dos encontros agonísticos teve fim a partir de um comportamento de subordinação e isso estava associado à subsequente separação dos participantes. Comportamentos amigáveis que não indicavam subordinação foram denominados “conciliatórios” e eram freqüentemente seguidos por resoluções pacíficas. Dentre os comportamentos “conciliatórios”, as formas mais encontradas foram “proposições cooperativas”, seguidas por “oferecimento de objeto” e “partilha”.

Da mesma forma Ljungberg e col. (1999), estudando a resolução de conflitos em meninos de cinco anos de idade, observaram comportamentos afiliativos na maioria dos períodos pós-conflito. Verificaram ainda uma maior freqüência da categoria “dar início a uma brincadeira”, seguida por “contato corporal”, “pedido verbal de desculpas” e “mediação de um terceiro”. Killen e Turiel (1991), por sua vez, observaram três tipos de resolução de conflito em crianças de três e quatro anos de idade: “omissão do assunto”, “resolução produzida por criança” e “resolução produzida por um adulto”. A subcategoria chamada “reconciliação” foi incluída na categoria “resolução produzida por uma criança”.

Em seu estudo com crianças, Fríoli (1997) constatou que em aproximadamente 35% das interações agonísticas registradas houve a apresentação de comportamentos conciliatórios pós-conflito, sendo que as formas de afiliação variaram em relação à idade e gênero. A maior freqüência de “reconciliação” foi por iniciativa das meninas e entre crianças de mesmo gênero. Crianças menores passaram normalmente do estado de conflito à retomada da brincadeira, podendo ainda apresentar a “reconciliação” através de atos como beijar, abraçar, passar a mão no rosto do outro. Com a idade observou-se o aparecimento de sinais mais específicos, tais como expressões verbais.

Butovskaya e Kozintsev (1999) sugerem que crianças de seis e sete anos tendem a se “reconciliar” em um período de até um minuto após o conflito. Aparentemente, a presença da

“reconciliação” reduz o stress causado pela agressão e diminui a frequência de agressão redirecionada.

Objetivos

Estudos recentes têm enfatizado a importância da pacificação entre crianças pré-escolares, após um episódio agressivo, ressaltando seus benefícios tanto para as interações individuais quanto para a estrutura grupal. A qualidade das relações entre os indivíduos do grupo se constitui como o preditor mais confiável de tendências “conciliatórias” (Aureli *et al.* 1997, Castles & Whiten 1998). Relações de parentesco, presença de hierarquias de dominância, grau de amizade e status social seriam os aspectos mais relevantes à qualidade das relações. Entretanto, pouco se sabe sobre quais variáveis envolvidas diretamente nos episódios de conflito poderiam prever a ocorrência de comportamentos afiliativos no pós-conflito.

À medida que a maioria dos estudos sobre resolução de conflitos em crianças ressalta o comportamento de pré-escolares, este trabalho tem o intuito de chegar a uma caracterização das diferentes formas de conflito entre crianças de dois a quatro anos de idade, em situação de campo fechado, destacando como estas amenizam ou acentuam as conseqüências destes conflitos. A pesquisa espera ainda estabelecer uma relação entre algumas variáveis envolvidas no conflito, tais como; gênero dos envolvidos, comportamento inicial do agressor e da vítima, envolvimento de um objeto no conflito, intervenção de um terceiro etc., e a ocorrência de afiliação entre os adversários no momento posterior ao episódio agonístico.

II - Metodologia

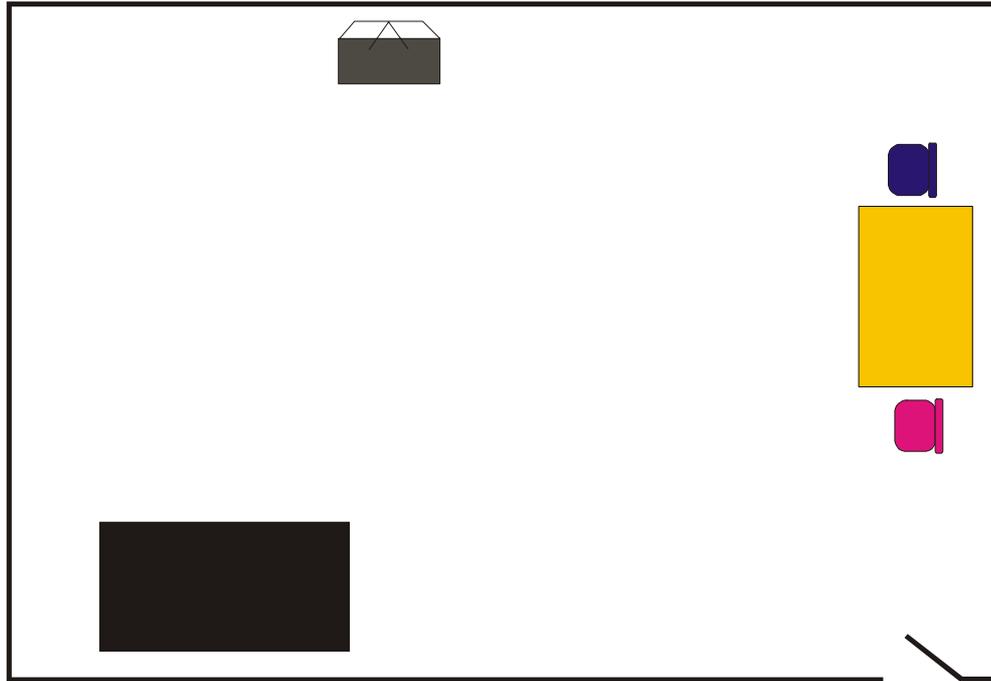
1 – Sujeitos e Ambiente

Vinte e cinco crianças, com idades entre dois e quatro anos, sendo 16 meninos com idade média de 33,6 meses ($\sigma = 5,1$) e oito meninas com idade média de 33,2 meses ($\sigma = 5,7$), foram observados durante atividade livre em uma das salas da creche Frederico Ozanã, localizada na periferia da cidade de Anápolis, Goiás. Esta creche atende crianças até sete anos, divididas por idade em quatro salas.

As crianças freqüentavam a creche de segunda a sexta feira das 08:00. às 16:00 horas e lá desenvolviam atividades livres tanto em sala como no pátio, sempre supervisionadas por um adulto. O número de crianças presentes no decorrer da coleta variou (caso alguma criança estivesse doente ou chegasse atrasada era impossibilitada de entrar). A freqüência média de presenças entre os meninos se manteve em 92% e a das meninas em 90%.

A sala onde foram realizadas as observações media aproximadamente 10m² e tinha duas mesas tipo escolar, uma TV, duas cadeiras, alguns brinquedos (bonecas, carrinhos, bola, piano etc.) e alguns colchonetes (figura 1).

A diretoria da creche permitiu a entrada da experimentadora na instituição e a realização da pesquisa. Todos os pais e/ou responsáveis pelas crianças observadas foram notificados e autorizaram a gravação em vídeo e a apresentação de imagens dos menores para fins científicos.



-  Cadeira onde geralmente a professora se sentava
-  Cadeira onde a observadora se sentava
-  Mesa tipo escolar
-  Mesa sobre a qual ficavam os cochonetes
-  Televisão

Figura 1 - Esquema da sala de observações.

2 – Procedimentos

A coleta dos dados foi realizada entre os meses de janeiro e maio de 2000 e dividida em duas etapas: habituação e registro de episódios de conflito. As sessões de observação aconteceram três vezes por semana entre 08:00 e 10:00 horas. Para não interagir com as crianças a observadora utilizou-se de “recusa delicada de interação” (Strayer & Strayer 1976; Fríoli 1997), isto é sempre que uma criança tentava interagir com a experimentadora, ela dizia que estava ocupada e não podia conversar.

2.1. - Fase de Habituação e Observações Preliminares

A habituação das crianças ao processo de observação ocorreu durante dois meses. Nesta fase as crianças eram filmadas de forma oportunística e seus nomes obtidos com a ‘monitora’ para posterior identificação. Foram obtidas ainda informações sobre a rotina da instituição e o nível de assiduidade das crianças à creche.

Esta fase inicial foi de fundamental importância para a constatação de aspectos qualitativos importantes das atividades, o que possibilitou a definição das categorias comportamentais, bem como o delineamento dos procedimentos e das técnicas usados na coleta sistemática dos dados.

Definiu-se que os sujeitos estariam habituados à observadora quando os questionamentos sobre a presença da mesma e a respeito da câmera de vídeo cessassem. Ou seja, quando as crianças se comportassem naturalmente, independente de estarem sendo observadas.

2.2. - Registro de Episódios de Conflito

O registro dos episódios de conflito foi realizado a partir da técnica de amostragem de “todas as ocorrências” (Altmann 1974; Sackin & Thelen 1984; Setz 1991; Gust & Gordon

1993; Frioli 1997; Butouskaya & Kozintsev 1999) e aconteceu durante 20 dias, entre os meses de abril e maio do ano de 2000. Toda vez que era observada uma “agressão” ou “assalto” (vide definição das categorias abaixo) se considerava como iniciado um episódio de conflito. Anotava-se então o sexo dos envolvidos, identificando o agressor e a vítima, seus respectivos comportamentos até dois minutos após o final do conflito (vide definição dos critérios de resolução abaixo) ou até a ocorrência de uma afiliação entre os adversários (apresentação das categorias brincar e/ou afiliar). Caso houvesse a interferência de uma terceira criança ou da professora no conflito, registrava-se a qualidade da mesma e sua direção. Nas situações onde mais de um conflito ocorria ao mesmo tempo tinha-se por critério registrar o que se iniciou primeiro.

Foram utilizados quatro critérios para se determinar o final do conflito: 1) Caso os protagonistas se afastassem no mínimo 2 metros, por um período de 20 segundos consecutivos, se mantendo sem interação social alguma (Caplan *et al.*, 1991). 2) Caso os adversários mudassem de comportamento por um período de 15 segundos consecutivos, apresentando uma das categorias: não interação, outros comportamentos e brincar, no caso com um terceiro (quando eram registradas mais de uma categoria considerava-se a primeira apresentada). 3) Na presença de comportamentos amigáveis e/ou afiliativos, ou algum tipo de brincadeira entre os protagonistas. 4) Quando um dos protagonistas cedia o objeto disputado ou concordava com a proposição do outro.

3 - Categorias Comportamentais

As categorias comportamentais utilizadas no presente estudo incluem categorias utilizadas por outros autores (Blurton Jones 1972; Strayer & Strayer 1976; Sackin & Thelen 1984; Caplan *et al.* 1991; Frioli 1997; Butovskaya & Kozintsev 1999; Ljunberg *et al.* 1999),

que foram aproveitadas em sua totalidade ou modificadas de acordo com os objetivos deste trabalho.

Os comportamentos foram classificados em 10 grupos ou categorias amplas, as quais foram subdivididas em sub-categorias:

1 - (*AGR*) *Agressão* - comportamento explícito capaz de causar danos físicos ou psicológicos a outro indivíduo. 1a- (AVE) agressão verbal - gritar ordens, xingar, insultar. 1b- (AFI) agressão física - morder, bater, dar um tapa, chutar, socar, lutar, jogar ou golpear com o objeto, puxar cabelo, membros, roupas e/ou outras partes do corpo, empurrar ou segurar qualquer parte do corpo impedindo o movimento, perseguir.

2- (*TOP*) *Assalto* - Quando uma criança toma posse ou tenta se apossar de um objeto de outra criança, podendo este ser um brinquedo, peça de roupa ou calçado. 2a- (TPO) tomar objeto - Quando o indivíduo realmente toma posse do objeto. 2b- (TTO) disputa - Quando uma criança puxa ou toca um objeto que se encontra com outro indivíduo, levando-o em sua direção, mas não consegue se apossar do mesmo. Ex. M está segurando uma boneca J passa e puxa-a, entretanto M se afasta não permitindo que J leve o objeto.

3 - (*SUB*) *Submissão* - comportamento físico ou verbal que tem o potencial de amenizar, terminar ou escapar do conflito. 3a- (SUV) submissão verbal - pedir para parar, tentar se explicar, se desculpar por seu comportamento. 3b- (SUF) submissão física - ex: chorar, recuar, tentar se desvencilhar, fugir rapidamente. 3c- (SUC) ceder - ceder o objeto disputado.

4 - (*MAA*) *Ameaça* - Comportamentos que aparentemente apresentam a intenção de intimidar outra criança. 4a- (MVE) ameaça verbal - se caracteriza por uma intimidação verbal; ex. “eu

vou te bater”, “vou contar para minha mãe”, “eu vou contar para tia que você me bateu”. 4b- (MMO) ameaça motora – inclui movimento e ou gestos que se assemelham ao padrão de ataque, sem levar, contudo a contato físico. Estes gestos foram chamados por Strayer e Strayer (1976) de: “intenção de bater”, “intenção de chutar”, “intenção de socar”, “intenção de bater com objetos ou posturas intimidativas”. Por exemplo, um dos braços levantados, geralmente segurando um brinquedo.

5 - (FIL) *Afiliação* – Várias formas de contato corporal ou verbal não agonísticas. 5a- (FVE) afiliação verbal - fazer proposições cooperativas, tentativa de consolo verbal, convidar à brincadeira. Ex.: “Não chora não!”, “P vamos brincar de bola?”. 5b- (FOT) afiliação motora - abraçar, beijar, pegar no colo, acariciar ou tocar delicadamente a cabeça ou qualquer parte do corpo do outro (ex: pentear o cabelo), passar a mão sob o local machucado, sentar-se ao lado podendo dar início ou não a uma brincadeira, 5c- (FOB) oferecimento de objeto – Braço estendido em direção à outra criança ou a professora, segurando um brinquedo ou outro objeto. Pode ser acompanhado de algum tipo de vocalização, tal como “Toma pra você!”. Necessariamente não deve estar ocorrendo uma disputa pelo objeto oferecido.

6 - (BRI) *Brincar* - interação social entre duas ou mais crianças, realizando juntas uma mesma atividade; por exemplo, usando os mesmos brinquedos ou fazendo gestos e ou comportamentos iguais aos do outro; havendo ou não concomitante interação verbal. Deve ser caracterizar por comportamentos que indiquem amistosidade. 6a- (BCO) brincadeira com objeto – quando se insere na brincadeira algum brinquedo ou objeto. Ex.: Boneca, bola, sandália, blusa de frio, etc. 6b- (BSO) brincadeira sem objeto – situação em que duas ou mais crianças brincam sem a presença de um objeto. Ex. Pega-pega, corrida, imitar, andam em um

mesmo sentido, juntas. 6c- (BTU) brincadeira turbulenta - brincadeira de luta, rolar no chão, brincar de ladrão ou de cachorro.

7 - *(ITA) apaziguamento* - Comportamento amigável apresentado pela professora ou por uma terceira criança, que visasse interromper a interação agonística de forma amigável. Quando se tenta separar os envolvidos, pedindo para parar ou afasta-se um deles, levando-o para o outro lado da sala. No caso da professora inclui-se gritar o nome, pedir para mudar de lugar, mandar devolver o objeto roubado, colocar de castigo.

8 - *(PAJ) Pedido de ajuda* - Solicitação verbal e ou padrão corporal, associados ou não, que caracterizem a solicitação da cooperação ou ajuda de um terceiro ao conflito. Ex. Jon diz: “Tia olha aqui a Paula me batendo!” Neste momento Jon olha para a professora e aponta o dedo para Paula. Pode ainda caracterizar o comportamento de um terceiro quando este, não envolvido no conflito, pede que outra criança ou a professora ajude um dos envolvidos. Ex. J passa olha a briga de M e P e grita: “Professora olha lá o P batendo no M”.

9 – *(BJE) Objeção* - Comportamento de resistência de uma criança em relação à ação de outra. 9a- (BVE) - objeção verbal - grito de protesto, escândalo. Ex.: “Não, é meu, me devolve!”, “Eu não quero!”. 9b- (BMO) - objeção motora - reação física de não soltar o objeto o qual outra criança tenta se apossar, puxando-o, segurando-o com mais força, escondendo-o ou correndo com o mesmo. Caracteriza-se ainda como recusar o toque do outro ou o oferecimento de algo, empurrando-o, tampando os ouvidos ou rosto. Ex. Sentar-se sobre o brinquedo.

10 – (NIN) *Não interação* - Comportamento que não apresenta nenhum tipo de envolvimento social com outras crianças ou professora. 10a- (NSO) sem objeto - não se relacionar com outros indivíduos ou simplesmente não fazer nada. A criança pode falar baixinho, chupar o dedo ou executar repetidamente ações simples, como por ex. balançar os braços. Inclui ignorar e ou não responder ao comportamento ou atitude do outro. Ex. “Maria dá um tapa em João, ele não se move, continua assistindo TV”. 10b- (NCO) com objeto - estar sozinho manipulando algum objeto: brinquedo, sandália, peça de roupa. Inclui-se aqui ‘brincar sozinho’. 10c- (OTV) assistir TV - estar com o corpo voltado para televisão, mantendo o olhar fixo por pelo menos 3 segundos consecutivos. 10d- (OLO) locomover-se - andar ou correr, aparentemente independente de interações sociais ou locomoção de outros indivíduos.

Observa-se que devido a falta de um equipamento eficaz à gravação do som, em muitos momentos não foi possível o registro preciso dos conteúdos das vocalizações e diálogos. Nestas situações o comportamento verbal foi desconsiderado.

4 - Análise dos Dados

Para a análise dos dados construiu-se uma planilha do programa Microsoft Excel (7.0), anotando-se cada sub-categoria comportamental apresentada durante os episódios de conflito. A planilha continha informações sobre o sexo dos envolvidos (iniciador, vítima e possíveis terceiros), direção e seqüência dos comportamentos apresentados.

Posteriormente as análises foram divididas em duas partes. Primeiro realizou-se uma análise descritiva dos episódios de conflito, a partir da qualidade e freqüência dos comportamentos apresentados nos diferentes momentos do episódio (início, primeira resposta da vítima, resolução, pós-conflito e interferência de terceiros) e o gênero dos envolvidos. Aqui, a partir de tabelas de contingência, se utilizou o teste do qui-quadrado, quando as

tabelas apresentavam valores relativos maiores do que cinco, e o teste do g-quadrado, na presença de valores inferiores a cinco. Consideraram-se significativos resultados com $P \leq 0,05$ (Programa SPSS for Windows – Release 10.0 – SPSS Inc.).

Em relação à frequência de iniciação de conflitos e o sexo do agressor, para a obtenção das frequências esperadas, considerou-se as diferenças amostrais (8 meninas e 16 meninos) e procedeu-se um cálculo de análise combinatória, calculando-se o número possível de díades entre os indivíduos do grupo (anexo I A). Para o cálculo da frequência esperada de “interferências da professora” em relação aos quatro tipos de conflitos, utilizou-se a frequência relativa de conflitos observados dentre cada tipo. Por exemplo, ocorreram 173 conflitos do tipo MM, que representa 69,4% do número total de conflitos observados. Com base nessa proporção se esperaria 42 intervenções da professora para conflitos entre dois meninos (MM). Da mesma forma procedeu-se quanto à frequência de ocorrências de afiliação e o gênero dos protagonistas.

Num segundo momento foi realizada uma análise de Regressão Logística (Programa SPSS for Windows-Release 10.0- SPSS Inc.), com o intuito de elaborar um modelo que permitisse prever, a partir de características do conflito (variáveis independentes) a ocorrência ou não de afiliação entre os protagonistas no período pós-conflito (variável dependente). As variáveis independentes consideradas foram: sexo do iniciador e receptor, interferência pacífica ou agressiva de uma terceira criança, interferência da professora, pedido de ajuda por parte do iniciador ou receptor, comportamento amigável ou agressivo do iniciador ou receptor direcionado a uma terceira criança e afastamento dos protagonistas após o conflito. Para tal análise construiu-se uma planilha no programa SPSS (10.0), onde se admitiu apenas valores dicotômicos (0 e 1).

III - Resultados

1 - Análise Descritiva

1.1. Os Episódios de conflito

Foram considerados episódios de conflito situações que apresentassem uma das categorias: agressão ou assalto (vide metodologia). Os episódios poderiam envolver duas ou mais crianças, sendo os dois primeiros indivíduos envolvidos chamados de protagonistas (ator e receptor ou vítima) e os demais, caso presentes, terceiros (outra criança ou a professora). Para algumas análises, os conflitos foram divididos em quatro tipos, de acordo com o sexo dos protagonistas: meninos contra meninos (MM), meninos contra meninas (MF), meninas contra meninas (FF) e meninas contra meninos (FM).

Durante os 20 dias de observação (40 horas) foram registrados 249 episódios de conflito: 173, 41, 15, 20 conflitos do tipo MM, MF, FF e FM respectivamente.

As análises foram realizadas em relação às categorias comportamentais pré-estabelecidas e os episódios foram subdivididos de acordo com cinco aspectos (Caplan *et al.* 1990, Frioli 1997): a) o início do conflito: categoria inicial do conflito, apresentada pelo ‘ator’; b) a reação: primeiro comportamento do receptor dado em resposta à iniciação do conflito; c) resolução: categoria (s) comportamental (is) associada (s) a um dos critérios de resolução do conflito (ceder, afastar, mudar de comportamento e afiliar); d) afiliações entre protagonistas: interações pacíficas (“afiliação” ou “brincadeira”) entre os protagonistas no momento da resolução ou em até dois minutos após o conflito; e) interferência de terceiros: comportamento de um terceiro indivíduo (professora ou criança) em direção a um dos protagonistas durante o episódio.

Para a maioria das análises não foram consideradas as sub-categorias, em virtude de sua baixa frequência de ocorrência, impossibilitando assim as análises estatísticas. Nestas situações, os dados foram agrupados e consideradas apenas as categorias amplas.

1.1.1. - O Início do Conflito

Frequência de ocorrência em relação ao gênero

Efetuuou-se um calculo de análise combinatória, calculando-se o número possível de arranjos entre os elementos do grupo, com o intuito de normalizar possíveis desigualdades quanto ao número de sujeitos (meninos = 16 e meninas = 08 – ver anexo I A) . Foram constatadas diferenças significativas em relação ao gênero e à frequência de iniciação de conflitos ($X^2= 73.5$; $gl= 3$ e $p= 0.05$). Observou-se uma frequência maior que a esperada nos conflitos entre dois meninos (para MM $z = +6.01$, para $p= 0,05$). Já nos outros tipos de conflitos obteve-se uma frequência significativamente inferior do que a esperada (para FM $z = -4.9$; para FF $z = -2$ e para MF $z = -2.12$, considerando $p= 0,05$) (Tabela 1- situação 1).

Tabela 1- Comparação entre a frequência de ocorrência dos conflitos e o gênero dos interagentes (**MM**- meninos versus meninos, **MF**- meninos versus meninas, **FF**- meninas versus meninas e **FM**- meninas versus meninos). **Situação 1**- presença de todos os sujeitos, **Situação 2**- sem a presença das três meninas que não iniciaram conflitos e o menino que iniciou 40 episódios.

	Situação 1		Situação 2	
	fe	fo	fe	fo
MM	110	173	115	146
MF	57	41	42	28
FF	25	15	10	15
FM	57	20	42	20
Total		249		209

Nota: **fo**- frequência observada, **fe**- frequência esperada.

Para propiciar a visualização da distribuição dos conflitos entre pares de indivíduos do grupo, confeccionou-se uma matriz sociométrica contendo a identificação das crianças e o número de vezes que cada indivíduo foi iniciador ou receptor de um conflito (tabela 2).

Tabela 2 - Matriz sociométrica entre as díades de interação conflituosa. **M** – sujeitos do sexo masculino e **F** – sujeitos do sexo feminino.

Iniciador	Receptor																												Total
	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7	M8	M9	M10	M11	M12	M13	M14	M15	M16	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8					
M1		2			1		3	1	2		2	1		3		2	2			1	2								22
M2			1				2	4		1	3			1					2		1							16	
M3	3	4		2	2	2	2			2	3	2	2	1	1	1	2	2	4	1	2	2						40	
M4	1				2			4	3		4	3	1	2	1		1			1	1							24	
M5	1		2	1					1	1	1	2	2	2	1												1	15	
M6				1									1			1												3	
M7		1	2	1					2		1	1		2	1			1	1									13	
M8		2	2		1									2														7	
M9		1													1					1		1						4	
M10	1	1												2													2	6	
M11	4	2	1				2	1	1	1				2						1								15	
M12	1	1	3	2	2	1	1	3	1		1			1				2		1							1	21	
M13	2	1			1	1	1	2	1		2	3		1				1									1	17	
M14				1				2			1		1			2		1										8	
M15																				1								1	
M16			1						1																			2	
F1											1			1				1	1		1							5	
F2		1											1			2			1								1	6	
F3		1			1						1								3									6	
F4		1	1					2						1					3									8	
F5			1	1			1				1	1	1	1					2	1								10	
F6																													0
F7																													0
F8																													0
TOTAL	13	18	14	9	10	4	12	19	12	5	21	13	9	22	5	8	8	15	12	4	7	9	0	0				249	

Observou-se a existência de dois fatores importantes: Primeiro, que um dentre os sujeitos masculinos iniciou 40 episódios de conflitos e segundo, três das oito meninas não iniciaram nenhum dos conflitos observados. Realizou-se então uma nova análise estatística com relação às diferenças de gênero e à iniciação de conflitos, sem a presença dos sujeitos desagregadores (três meninas e um menino), e novamente obteve-se que os meninos iniciaram, proporcionalmente, mais conflitos do que as meninas ($X^2= 25.8$; $gl= 3$; $p= 0.05$). Esta significância se deve às frequências observadas nos episódios entre dois meninos (para

MM $z = +2.89$, considerando $p = 0,05$) e em episódios onde os protagonistas são de gêneros diferentes (para FM $z = -3.4$ e para MF $z = -2.16$, considerando $p = 0,05$), (tabela 1- situação 2).

Comparando a situação 1 (número total de sujeitos) com a situação hipotética 2, (sem a presença dos sujeitos desagregadores, um menino e três meninas), pode-se notar que os episódios entre meninos (MM) ocorreram em maior frequência do que a esperada em ambas as situações. Já ao interagir com meninas (MF), os meninos apresentaram um número de ocorrências inferior ao esperado. Quanto aos episódios entre duas meninas (FF), na situação 1 verifica-se um número de ocorrências menor que o esperado, o que inversamente ocorre na situação 2. Quando iniciam conflitos com meninos (FM), as meninas apresentam uma frequência menor que a esperada, em ambas as situações. Em suma, de modo geral conflitos foram mais frequentes entre indivíduos do mesmo sexo e iniciados por meninos.

Relação entre gênero e a categoria inicial do conflito.

Cento e vinte sete episódios iniciaram pela categoria agressão (51%), sendo que dentre estes houve apenas uma ocorrência de “agressão verbal”. Cento e vinte e dois (49%) se iniciaram a partir da categoria assalto, sendo 53 caracterizados como "tentativas de tomar o objeto" e 69 como "tomar posse do objeto". Para as análises posteriores utilizou-se apenas as categorias amplas “agressão” e “assalto”, pois considerou-se que a baixa ocorrência de agressão verbal e que as sub-categorias “tentar tomar posse” e “tomar posse”, quando relacionadas apenas à ação do iniciador, dizem respeito ao mesmo comportamento.

Não foi constatada significância em relação ao sexo dos interagentes e à categoria inicial do episódio ($G^2 = 3,57$; $gl = 3$; $p = 0,31$ – tabela 3). Entretanto, vale ressaltar que em conflitos iniciados por meninos, as proporções de “agressão” e “assalto” (49 e 51% respectivamente) não se diferenciaram em relação ao sexo do receptor (conflitos do tipo MM

e MF). Já as meninas, proporcionalmente, apresentaram uma maior frequência de “agressão”, observando-se que quando o conflito era com outra menina (FF) a “agressão” acontecia em uma proporção mais elevada (anexo IA, tabela 3).

Tabela 3 – Comparação entre o comportamento inicial do conflito (“agressão” e “assalto”) e o gênero dos protagonistas (**MM**- meninos contra meninos, **MF**- meninos contra meninas, **FF**- meninas contra meninas e **FM**- meninas contra meninos).

		MM	MF	FF	FM	Total
Agressão	fo	85	20	11	11	122
	fe	88	21	8	10	
Assalto	fo	88	21	4	9	127
	fe	85	20	7	10	
Total	fo	173	41	15	20	249

Nota: **fo**- frequência observada, **fe**- frequência esperada.

1.1.2. - A “reação”: primeira resposta da vítima.

Como foi muito baixa a frequência das categorias ameaça e não interação como "primeiras respostas" (primeiro comportamento emitido pelo receptor), estas foram agrupadas às categorias “objeção” e “submissão” respectivamente. Para as análises utilizou-se apenas as categorias amplas (agressão, objeção, submissão e pedido de ajuda).

Dentre as "primeiras respostas", dezessete (7%) foram direcionadas a um terceiro indivíduo (1 a uma menina, 3 a um menino e 13 a professora) até então não envolvido no episódio e se caracterizaram pela categoria “pedido de ajuda”. Estas apareceram apenas em episódios iniciados por meninos, sendo 14 relativas à episódios entre 2 meninos (MM) e três relativas à episódios onde a vítima era uma menina (MF).

Quanto às “primeiras respostas” direcionadas ao iniciador do conflito de modo geral pode-se observar que os meninos foram mais “submissos” e as meninas apresentaram um

maior número de “objeções”. Entretanto, a análise estatística não demonstra a existência de significância entre as categorias apresentadas como “primeira resposta” do receptor e o sexo dos protagonistas ($G^2= 7.5$; $gl= 6$; $p= 0.28$ – tabela 4). Vale ressaltar que a análise estatística foi realizada sem a presença da categoria “pedido de ajuda”, à medida que esta não ocorreu em todos os tipos de episódios.

Tabela 4 – Relação entre gênero dos protagonistas (**MM**- meninos versus meninos, **MF**- meninos versus meninas, **FF**- meninas versus meninas, **FM**- meninas versus meninos) e a primeira resposta da vítima (“agressão”, “assalto” e “submissão”).

		MM	MF	FF	FM	Total
Agressão	fo	39	10	4	2	55
	fe	38	9	4	5	
Objeção	fo	48	17	5	6	76
	fe	52	12	5	7	
Submissão	fo	72	11	6	12	101
	fe	70	17	7	9	
Total	fo	159	38	15	20	232

Nota: **fo**- frequência observada e **fe**- frequência esperada

1.1.3. - Relação entre o início e a primeira resposta

Como sugere Fríoli (1997), realizou-se o cruzamento entre a categoria inicial do conflito e as categorias consideradas como "primeiras respostas" (primeiro comportamento emitido por uma criança que tenha sido provocada) e encontrou-se uma diferença altamente significativa ($X^2= 29,5$; $gl= 3$; $p= 0,01$), relacionada especialmente a dois fatores. Primeiramente à categoria objeção, tanto como resposta a uma “agressão” ($z = -3.06$, para $p= 0,05$), quanto em resposta a um “assalto” ($z = +3.1$, para $p= 0,05$), e ainda à categoria “agressão” em resposta a um “assalto” ($z = -3.3$, para $p= 0,05$).

A categoria agressão foi mais freqüente em resposta a conflitos iniciados também por “agressão”, enquanto que “objeção” ocorreu mais enquanto resposta a um “assalto”. Tanto a categoria submissão quanto a categoria pedido de ajuda foram mais freqüentes como resposta a uma “agressão” (tabela 5).

Tabela 5- Comparação entre as categorias iniciais do conflito (“agressão” e “assalto”) e a primeira resposta do receptor (“agressão”, “objeção”, “submissão” e “pedido de ajuda”).

		Agressão	Objeção	Submissão	Pedido de ajuda
Agressão	fo	39	20	59	9
	fe	29	39	52	9
Assalto	fo	16	56	42	8
	fe	27	37	50	8
Total	fo	55	76	101	17

Nota: **fo** - freqüência observada e **fe** - freqüência esperada.

1.1.4.- A Resolução

A resolução dos conflitos foi analisada a partir do gênero dos protagonistas e dos quatro critérios pré-estabelecidos, como formas de finalização dos conflitos (afastamento dos protagonistas, ceder, mudança de comportamento e afiliação). Não foram encontradas diferenças significativas ($G^2=10,81$; $gl= 9$; $p= 0,29$ – tabela 6). Verifica-se, no entanto, que de modo geral, o critério de resolução mais utilizado foi o afastar (50%), seguido dos critérios; mudança de comportamento (33%) e afiliação (17%) (anexo I A - tabela 6).

Tabela 6 – Comparação entre os critérios de resolução do conflito (afastar, ceder, afiliar e mudar de comportamento) e o gênero dos protagonistas do conflito (**MM**- meninos versus meninos, **MF**- meninos versus meninas, **FF**- meninas versus meninas e **FM**- meninas versus meninos).

		MM	MF	FF	FM	Total
Afastar	fo	79	12	7	7	105
	fe	73	17	6	8	
Ceder	fo	14	3	1	3	21
	fe	15	4	1	2	
Afiliar	fo	31	9	1	1	42
	fe	29	7	3	3	
Mudar de comportamento	fo	49	17	6	9	81
	fe	56	13	5	7	
Total	fo	173	41	15	20	249

Nota: **fo** - frequência observada e **fe**- frequência esperada.

1.1.5. - Relação entre o tipo de início e a resolução

A partir de uma análise preliminar, obteve-se que o critério ceder ocorreu apenas 21 vezes (21%) e em episódios iniciados pela categoria assalto. Por conseguinte, para a presente análise uniu-se os critérios ceder e afastar, já que ambos apresentam caráter de submissão.

Não foram encontradas diferenças significativas em relação à categoria inicial dos episódios (agressão ou assalto) e os critérios de resolução (ceder, afastar, mudar de comportamento e afiliar), à medida que as frequências observadas praticamente corresponderam ao valor esperado (ver Tabela 7).

Tabela 7 – Comparação entre a categoria inicial (“agressão” ou “assalto”) e os critérios de resolução do conflito (“afastar”, “afiliar” e “mudar de comportamento”).

		Afastar	Afiliação	Mudar de Comportamento	Total
Agressão	fo	63	20	44	127
	fe	64	21	41	
Assalto	fo	63	22	37	122
	fe	62	21	40	
Total	fo	126	42	81	249

Nota: **fo** - frequência observada e **fe** - frequência esperada.

1.1.6. - A interferência de terceiros

Cento e quarenta e seis episódios (59%) apresentaram algum tipo de interferência por parte de um terceiro indivíduo (professora ou criança), totalizando 314 interferências, ou seja, em conflitos onde há interferência geralmente esta ocorre mais de uma vez (média = 2,15).

Definiu-se dois grupos ou tipos de interferência a partir das categorias comportamentais apresentadas. O primeiro foi denominado “interferência pacífica”, e se compôs das categorias: brincar, afiliar, apaziguar e submissão. O outro foi chamado “interferência agressiva” e formou-se a partir das categorias: agressão, objeção, ameaça e assalto. Consideraram-se apenas os comportamentos de terceiros que estivessem diretamente relacionados ao conflito, ou seja, direcionados a um dos protagonistas (receptor ou iniciador).

Interferências da professora

As interferências da professora somaram um total de 60 e se caracterizaram como interferências pacíficas. Estas se distribuíram da seguinte forma; 49, 7, 3, 1 para conflitos do

tipo MM, MF, FF e FM respectivamente. Na maior partes das vezes (67%) as interferências da professora estiveram direcionadas ao ator do conflito (iniciador).

Considerando os diferentes números de episódios de cada tipo (173 MM, 41 MF, 15 FF e 20 FM), não foram verificadas diferenças quanto a freqüência de intervenções da professora e o gênero dos envolvidos ($X^2= 5,26$; $gl= 3$; $p= 0.05$ - Tabela 8). Entretanto, apesar da pequena amostra, nos conflitos entre dois meninos (MM) o número de intervenções da professora foi maior que o esperado, o que inversamente ocorreu em episódios de meninas contra meninos (FM). Curioso notar que quando meninos brigavam com meninas (MF e FM), o número de interferências da professora foi menor que o esperado (ver Tabela 8 e anexo IA, tabela 8).

Tabela 8 - Freqüências observadas e esperadas de intervenções da professora em relação a cada tipo de conflito (MM- meninos versus meninos, MF- meninos versus meninas, FF- meninas versus meninas e FM- meninas versus meninos).

Intervenções da professora		
	fo	fe
MM	49	42
MF	7	10
FF	3	3
FM	1	5
Total	60	60

Nota: **fo** - freqüência observada e **fe** - freqüência esperada.

Interferência de outras crianças

As análises das interferências de uma terceira criança ao conflito foram realizadas considerando-se as variáveis: 1- gênero dos protagonistas e do interventor; 2- tipo da intervenção (pacífica ou agressiva); 3- direção da intervenção (direcionada ao iniciador ou ao receptor do conflito).

Foram observadas 254 interferências por parte de uma terceira criança, distribuídas em 91 episódios (média = 2.8 para episódios com pelo menos uma interferência). Dentre as interferências foi constatada uma maior frequência de “intervenções pacíficas”, partindo tanto de meninos quanto de meninas, sendo estas direcionadas em sua maioria ao receptor. Com as “intervenções agressivas” se deu o inverso, foram direcionadas na maioria das vezes ao iniciador do conflito (Tabela 9). Comparando o tipo da intervenção (pacífica ou agressiva) e sua direção (direcionada ao iniciador ou receptor) se obtém uma diferença significativa ($X^2=5,39$; $gl= 1$; $p= 0.02$ - Tabela 9), entretanto não foi encontrada significância entre o sexo do terceiro e o tipo da interferência (agressiva ou pacífica), bem como com relação ao sexo do terceiro e a direção da intervenção (direcionada ao iniciador ou receptor).

Interessante notar, que ao que parece, as crianças observadas demonstraram certa percepção social, apesar de sua faixa etária.

Tabela 9 - Comparação entre o tipo da interferência (pacífica ou agressiva) e sua direção (direcionada ao iniciador ou receptor do conflito).

		Direção da intervenção		Total
		iniciador	receptor	
Pacíficas	fo	81	109	190
	fe	89	101	
Agressivas	fo	38	26	64
	fe	30	34	
Total	fo	119	135	254

Nota: **fo** - frequência observada e **fe** - frequência esperada.

1.1.7. - Pacificação (afiliação) entre protagonistas

Foram considerados comportamentos pacíficos ou “conciliatórios” aqueles referentes às categorias amplas brincar e afiliar, que fossem apresentados entre os adversários durante

um conflito ou num período de até dois minutos após sua resolução. Apenas o primeiro comportamento “conciliatório” ou pacífico apresentado foi considerado.

Verificou-se afiliação entre os protagonistas do conflito em 42% dos episódios registrados (n= 105). Destas, 42 se deram imediatamente após o conflito e foram consideradas como critério de resolução do conflito, as demais ocorreram em um intervalo posterior de até dois minutos.

Dentre as afiliações registradas 47% (n= 49), partiram do iniciador do conflito, 39% (n= 41) do receptor do conflito e apenas 14% (n= 15) ocorreram por iniciativa mútua, ou seja, o comportamento surgiu do receptor e ator ao mesmo tempo. Com o intuito de se testar a dependência entre o gênero dos protagonistas (MM, MF, FF, e FM) e a autoria da afiliação (iniciador ou receptor), realizou-se a análise estatística excluindo-se as situações onde a afiliação ocorreu por iniciativa mútua, à medida que esta não se deu em conflitos iniciados por meninas (MM= 9; MF= 5; FF e FM= 0). Não foram encontradas diferenças significativas ($X^2= 1,22$; gl= 3; p= 0,75 - tabela 10).

Tabela 10 – Comparação entre os tipos de conflito (**MM**- meninos versus meninos, **MF**- meninos versus meninas, **FF**- meninas versus meninas e **FM**- meninas versus meninos) e a autoria da afiliação (iniciador ou receptor do conflito).

		MM	MF	FF	FM	Total
Iniciador	fo	35	7	3	4	49
	fe	33	8	4	5	
Receptor	fo	25	7	4	5	41
	fe	27	6	3	4	
Total	fo	60	14	7	9	90

Nota: **fo** - frequência observada e **fe** - frequência esperada.

Da mesma forma, quanto ao gênero dos protagonistas e à frequência de ocorrências de afiliação não se constatou uma relação significativa ($X^2= 0.51$; gl= 3, p= 0.05), ou seja,

pacificações entre meninos e meninas ocorreram aproximadamente na mesma proporção (Tabela 11).

Tabela 11- Comparação entre os tipos de conflitos (MM, MF, FF e FM) e a frequência de afiliação entre os protagonistas no pós-conflito.

Afiliação entre os protagonistas		
	fo	fe
MM	70	73
MF	19	17
FF	7	6
FM	9	9
Total	105	105

Nota: **fo**– frequência observada e **fe**– frequência esperada

2 -Análises de Regressão Logística

A análise de regressão logística direta foi realizada entre a variável dependente “presença de afiliação”, que define o resultado bi-categórico a ser predito (houve ou não afiliação entre os protagonistas em um período imediatamente posterior ou até 2 minutos após a resolução do conflito) e 16 variáveis independentes, que seriam:

V1- sexo do iniciador (masculino ou feminino)

V2- sexo do receptor (masculino ou feminino)

V3- categoria de início (“agressão” ou “assalto”)

V4- houve um objeto envolvido no conflito (sim ou não)

V5- houve submissão do iniciador (sim ou não)

V6- houve submissão do receptor (sim ou não)

V7- ocorreu interferência pacífica de outra criança (sim ou não)

V8- ocorreu interferência agressiva de outra criança (sim ou não)

V9- ocorreu interferência da professora (sim ou não)

V10- houve pedido de ajuda do iniciador (sim ou não)

V11- houve pedido de ajuda do receptor (sim ou não)

V12- aconteceu interação amigável por parte de iniciador para com um terceiro (sim ou não)

V13- ocorreu interação agressiva por parte do iniciador para com um terceiro (sim ou não)

V14- aconteceu interação amigável por parte do receptor para com um terceiro (sim ou não)

V15- ocorreu interação agressiva por parte do receptor para com um terceiro (sim ou não)

V16- houve afastamento dos protagonistas após o conflito (sim ou não)

Interações e intervenções agressivas incluíram as categorias agressão, objeção, ameaça e assalto. Já as interações e intervenções amigáveis foram constituídas das categorias brincar, afiliar, apaziguar e submissão.

Com o intuito de verificar possíveis restrições ao critério de adequação do ajuste usado para avaliação do modelo preditivo, foram analisadas tabelas cruzadas de dupla entrada entre todas as variáveis independentes e a variável dependente. Verificou-se que frequências abaixo de cinco ocorreram em apenas 3,4% das células. Não existem, portanto, restrições ao critério utilizado de adequação do ajuste (Tabachnick & Fidell 1996).

Conduziu-se a regressão logística direta e encontrou-se um índice de predição do modelo de 69,08% na determinação dos 249 casos descritos (anexo II B). Dentre as variáveis independentes, apenas cinco apresentaram coeficientes de regressão significativos (para $p \leq 0,05$ - ver tabela 12) constituindo assim os únicos preditores confiáveis. Todas as cinco variáveis se correlacionam negativamente a presença da “afiliação” (ver valores de “B” na

tabela 12). Estas variáveis são: V12-interação amigável do iniciador com um terceiro; V13-interação agressiva do iniciador com um terceiro; V14- interação amigável do receptor com um terceiro; V15- interação agressiva do receptor com um terceiro; V16- afastamento dos protagonistas na resolução.

Vale ressaltar que as variáveis independentes tidas como correlacionadas significativamente à variável dependente não se encontravam altamente correlacionadas entre si, o que reforça e viabiliza sua utilização (anexo II D).

Tabela 12- Valores obtidos para as variáveis independentes a partir do modelo da regressão logística. “**B**”- valores dos coeficientes das variáveis na equação do modelo, “**Wald Test**”- teste a partir do qual obteve-se os graus de significância das variáveis.

	B	Wald Test	df	Significância
V1	0,2312	0,3005	1	0,5836
V2	0,0341	0,0087	1	0,9257
V3	0,4925	0,3335	1	0,5636
V4	-0,1188	0,0191	1	0,8902
V5	0,0769	0,0421	1	0,8374
V6	-0,3778	1,5585	1	0,2119
V7	-0,5607	3,0819	1	0,0792
V8	-0,3090	0,5371	1	0,4636
V9	-0,6300	2,5727	1	0,1087
V10	-0,6400	0,7376	1	0,3904
V11	-0,5358	1,7981	1	0,1799
V12	-0,8988	6,9763	1	0,0083
V13	-1,2703	4,9854	1	0,0256
V14	-0,7193	4,4928	1	0,0340
V15	-1,3574	4,0037	1	0,0454
V16	-0,5713	3,8336	1	0,0502

Interessante ressaltar, a partir dos resultados encontrados na análise de regressão logística, que quatro dentre as cinco variáveis independentes (V12, V13, V14, V15) apontadas como preditoras a não ocorrência da afiliação (VD) dizem respeito a ocorrência de uma interação por parte de um dos protagonistas para com um terceiro. Finalmente a quinta e última variável independente correlacionada (V16) diz respeito ao afastamento dos protagonistas após o conflito. Podemos pensar então que quando os protagonistas mudam de

atividade ou se afastam a probabilidade de que ocorra uma afiliação entre os protagonistas diminui, ou seja, existem menos chances de que os adversários “façam as pazes”.

IV - Discussão

1 – Análises descritivas dos episódios de conflito

Como já mencionado, os episódios de conflito foram inicialmente divididos em 5 partes: a) o início do conflito; b) o primeiro comportamento da vítima dado como resposta ao comportamento inicial; c) a dinâmica de resolução do conflito; d) interferências por parte de uma terceira criança ou professora; e) ocorrência de “afiliação” entre os protagonistas posteriormente ao conflito. Simplificou-se as análises, considerando-se os conflitos como diádicos e dividindo-os em quatro tipos em relação ao sexo dos adversários: MM, MF, FF e FM.

1.1. - O Início do Conflito

Relação entre a frequência de ocorrência e o gênero

Observou-se que os meninos deram início a um maior número de conflitos que as meninas, o que vem confirmar resultados prévios (Strayer & Strayer 1976, Maccoby & Jacklin 1985). Entretanto devemos considerar, neste estudo, o maior número de meninos (16) do que de meninas (08) na amostra. Não poderiam os meninos ter brigado mais por se apresentarem em maior número? Por outro lado, a desigualdade entre o número de indivíduos dos dois gêneros foi levada em conta nos testes estatísticos realizados.

Um fato interessante a ser ressaltado é que três das oito meninas do grupo não iniciaram nenhum dos conflitos, enquanto que um menino foi responsável pelo início de quarenta episódios. Mesmo o cálculo realizado sem a presença destes “sujeitos desagregadores” apresenta os meninos como mais “agressivos”. Até que ponto podemos atribuir o resultado acima apenas a diferenças individuais de conduta? Outra possibilidade é que o maior número

de sujeitos do sexo masculino pode ter ocasionado certa inibição do ataque feminino. Como ressaltam Smith e Green (1975), crianças em um grupo não se comportam independentemente das outras. A apresentação de um alto índice de agressividade por uma criança pode afetar o nível de agressão dos outros indivíduos do grupo.

A categoria inicial do conflito e sua relação com o gênero dos protagonistas

Os conflitos se iniciaram em proporções quase equivalentes de “agressão” e “assalto”, fato que pode ser atribuído à idade dos sujeitos. Estudos sobre agressividade em crianças, tem demonstrado que conflitos entre crianças menores apresentam formas físicas de agressão ou disputa por objetos, enquanto que com a idade estes se tornam mais verbais e ritualizados (Maccoby & Jacklin 1985, Fríoli 1997). Os resultados obtidos podem ainda se relacionar ao contexto de coleta dos dados, já que no presente estudo a categoria “assalto” envolvia a presença de um objeto. Como as observações foram realizadas em uma creche municipal e com poucos recursos, os brinquedos disponíveis em sala eram escassos e muitas vezes estavam em pedaços. É possível que estas características do ambiente estejam associadas a um maior número de “assaltos”, embora Caplan e col. (1991) não tenham encontrado relação entre a quantidade de brinquedos disponíveis às crianças e a frequência de ocorrência de conflitos.

Castro e Carvalho (1981) em uma análise de 790 incidentes agressivos observados entre crianças de 3 a 6 anos, categorizaram 14 motivos ou contextos de iniciação de episódios agressivos. As categorias mais frequentes foram as que envolviam o uso aparentemente espontâneo de força ou poder sobre o outro. De forma semelhante Strayer e Strayer (1976) em seus estudos observacionais realizados com crianças pré-escolares, verificaram um maior número de conflitos iniciados por categorias que aparentemente envolviam alguma forma de ataque físico como “bater” e “empurrar”. Por outro lado Hay e Ross (1994) viram que

crianças com 21 meses de idade, geralmente iniciavam seus conflitos através de disputas por objetos. De acordo com Carvalho (1989) a ocorrência de “agressões espontâneas”, isto é, não associadas à disputa por recursos do ambiente, levantam questões interessantes sobre a função desse tipo de interação. Para a autora, tais comportamentos poderiam estar indicando, por exemplo, que como em outras espécies sociais a agressão entre crianças tem uma função na definição de papéis e na estruturação do grupo.

Quanto ao restrito número de conflitos registrados que tivessem sido iniciados por “agressão verbal” e “ameaça”, devemos levar em conta a pouca idade dos sujeitos observados. Vários estudos demonstram que conflitos em crianças menores apresentam mais agressão física e disputa por objetos e que com a idade os conflitos tendem a se tornar mais verbais e/ou ritualizados (Maccoby & Jacklin 1985, Fríoli 1997).

Não foi observada relação entre a categoria inicial do conflito e o gênero dos adversários. Entretanto vale notar que as meninas utilizaram proporcionalmente mais da agressão física que os meninos. De forma semelhante, Caplan e col. (1991) ao observar grupos de três crianças com 12 e 24 meses, obtiveram que em grupos com predominância feminina, tanto os conflitos quanto o uso de “força física” foram mais frequentes do que em grupos com um maior número de meninos.

1.2. – A primeira resposta

Dezessete “primeiras respostas” (primeiro comportamento apresentado pela vítima) se caracterizaram por um “pedido de ajuda”, direcionado a um terceiro indivíduo (4 à outras crianças e 13 à professora) até então não envolvido no conflito. Curiosamente, todas estas ocorreram em episódios onde o agressor era um menino e em sua maioria foram emitidas também por meninos. Podemos atribuir esta constatação ao fato dos meninos terem se mostrado mais “agressivos”, ou mesmo a experiências prévias de derrota. Poderíamos

considerar ainda a presença de hierarquias de dominância, constatação impossibilitada à medida que estes dados não foram analisados durante o estudo. Sugere-se que outras pesquisas venham verificar a relação entre a ocorrência e a resolução de conflitos em crianças, diferenças de gênero e relações de amizade e de dominância.

Não foi verificada diferença significativa em relação ao gênero dos protagonistas e a frequência de ocorrência dos comportamentos de “primeira resposta”. Entretanto, de modo geral, as meninas apresentaram mais “objeção”, enquanto que os meninos foram aparentemente mais “submissos”. Resultado este que pode ser atribuído a maior taxa de agressividade encontrada entre os meninos. Da mesma forma, Fríoli (1997) caracteriza os meninos como mais ativos, mais agressivos e mais submissos, enquanto que as meninas foram vistas como mais afiliativas e participando com mais frequência em brincadeiras.

1.3. – O início versus a primeira resposta

Neste estudo verificou-se que quando crianças eram agredidas tendiam a responder também com “agressão”. Da mesma forma, Fabes e Eisenberg (1992), ao verificar a “resposta raivosa” de crianças à provocação de um outro indivíduo, observaram que quando o sentimento de raiva era causado por um “ataque físico” as crianças respondiam frequentemente com a categoria denominada “vingança física”.

Observou-se ainda, no presente estudo, que quando crianças eram “assaltadas” respondiam frequentemente com “objeção”, o que pode ser atribuído à presença de um objeto na relação, desta forma caracterizando uma disputa. Por sua vez Fabes e Eisenberg (1992) encontraram em “conflitos materiais” (envolvendo objetos) níveis elevados de resistência por parte da vítima.

A predisposição das crianças a responder agressivamente quando agredidas, pode ter conseqüências importantes na estrutura social de um grupo. De acordo com Dodge e col.

(1990) e Coie e col. (1991) “respostas agressivas” a “agressões” ocasionariam uma maior ocorrência de conflitos, além do que os tornaria mais duradouros, levando as crianças mais agressivas a serem rejeitadas por seus pares.

1.4. – A Resolução

As análises sobre a forma de resolução dos conflitos foram realizadas considerando-se quatro critérios de resolução: afastamento dos protagonistas por um período de 20 segundos consecutivos; caso houvesse a apresentação da categoria ceder; se ambos os protagonistas mudassem de comportamento (permanecendo sozinhos ou interagindo com um terceiro) por um período consecutivo de 20 segundos; e/ou se houvesse a apresentação de comportamentos amigáveis e/ou afiliativos entre os protagonistas.

Dentre os conflitos registrados, o critério de resolução mais utilizado foi o de “afastamento dos protagonistas”, sendo o critério “mudança de comportamento” o segundo tipo mais freqüente. Este resultado se assemelha aos obtidos por Sackin e Thelen (1984) e Fríoli (1997). Sacklin e Thelen (1984) constataram que a maioria dos encontros agonísticos terminava a partir de um “comportamento de subordinação” que estaria associado a subsequente separação dos participantes. Por sua vez, Fríoli (1997) verificou que crianças menores geralmente passavam do estado de conflito para a retomada da brincadeira, sem qualquer sinal aparente, por parte dos adversários, no sentido de modificar a situação.

Maier (1988) e Strayer e Strayer (1976) constataram que crianças tendem a concluir seus conflitos a partir da apresentação de comportamentos estereotipados que indicam subordinação pelo perdedor. No presente estudo, somando-se o número de resoluções obtidas através dos critérios “ceder” e “afiliação”, para os quais podemos admitir a natureza de subordinação, obtivemos 25 % dos episódios, quantidade inferior à encontrada por Maier (1988) e Strayer e Strayer (1976). Mais uma vez a pouca idade dos sujeitos observados, seu

nível social e a natureza das observações podem ter contribuído para as diferenças entre os resultados obtidos nesta pesquisa e por outros autores.

1.5. - Interferência de Terceiros

Como definição aos comportamentos de interferência de um terceiro indivíduo ao conflito (criança ou professora), definiu-se dois grupos; “interferências pacíficas” e “interferências agressivas”.

Interferência da Professora

Não foi constatada dependência entre a frequência de interferências da professora e o gênero dos protagonistas do conflito. Da mesma forma, ao estudar 15 grupos de pré-escolares, Smith e Green (1975) não encontraram diferenças em relação à resposta das professoras e o sexo da díade protagonista. Entretanto, constataram que o resultado do conflito dependia da intervenção ou não da professora. Quando não havia intervenção, o iniciador do conflito geralmente vencia a disputa. Por outro lado, Serbin e col. (1973) e Brownlee e Bakeman (1981) encontraram uma maior resposta das professoras a comportamentos agressivos de meninos do que de meninas.

Apesar da não significância estatística, pode-se verificar que o número de intervenções da professora foi maior do que o esperado em conflitos entre dois meninos. Na maioria dos estudos sobre agressividade em pré-escolares, observa-se que os meninos se mostram mais agressivos que as meninas (Blurton-Jones 1972; Smith & Green 1975; Lauer 1992; Fríoli 1997). Podemos então levantar a hipótese de que, já que os conflitos entre meninos são mais frequentes, talvez levem a níveis mais elevados de agressividade, e desta forma venham a requerer mais intervenções por parte de adultos.

Interferência de outras crianças

Crianças tendem a se comportar prossocialmente frente à angústia ou pedido de socorro de outros indivíduos, geralmente intervindo no conflito. Grammer (1992) supõe que as intervenções de uma terceira criança ao conflito podem estar relacionadas ao gênero dos envolvidos, seu grau de amizade e a sua posição no ranking social. Dentre os episódios de conflitos registrados neste estudo, noventa e um (36.5%) apresentaram algum tipo de interferência por parte de uma terceira criança. É interessante notar que quando interferências se davam, geralmente ocorriam mais de uma vez (aproximadamente 2.8 interferências para cada um dos 91 episódios).

Constatou-se que a maioria das intervenções observadas se caracterizaram como “pacíficas” e foram em sua maioria direcionadas a vítima ou receptor do conflito. Sendo que as “intervenções agressivas” freqüentemente se direcionavam ao agressor. Supõe-se então a existência de percepção social por parte das crianças, o que é muito interessante se pensarmos em sua pouca idade. Esta questão pode ainda ser abordada sob um ponto de vista adaptativo, ressaltando certa tendência ao apaziguamento, à medida que conflitos intragrupais duradouros e recorrentes podem levar à quebra de vínculos de amizade entre os indivíduos, e conseqüentemente à instabilidade do grupo.

A relação entre o gênero dos protagonistas (MM, MF, FF e FM) e o sexo do interventor, bem como entre o sexo do interventor e a qualidade da intervenção (pacífica ou agressiva) não apresentou diferenças significativas. Da mesma forma, Faver e Branstetter (1994) não encontraram relação quanto ao gênero das crianças e a qualidade ou freqüência das respostas prossociais das mesmas. Por outro lado Grammer (1992) observou o contexto e as conseqüências das intervenções a conflitos entre crianças com idade entre 39 e 78 meses de idade. A partir de 374 casos de interferência em 2450 episódios de conflito, constatou que

os meninos intervinham mais do que as meninas, e que as intervenções preferencialmente se direcionavam a sujeitos do mesmo sexo.

Não foi possível no presente estudo, verificar a correlação entre o tipo da intervenção (pacífica ou agressiva), a sua direção (direcionada ao iniciador ou ao receptor) e o sexo do interventor, impossibilitando a obtenção de dados sobre solidariedade entre gêneros.

1.7. - Afiliação entre protagonistas

Pesquisas sobre a resolução de conflitos em crianças têm demonstrado uma grande frequência de comportamentos “conciliatórios” ou amigáveis, entre os adversários do conflito em um período pós-conflito (Strayer & Strayer 1976, Sackin & Thelen 1984, Fríoli 1997, Ljungberg et al.1999, Butovskaya & Kozintsev 1999). Tais comportamentos se mostram como uma forma especialmente interessante de redução dos efeitos negativos da agressividade no grupo social, possuindo a função principal de restaurar a tolerância entre os indivíduos (Cords 1992). Segundo Fríoli (1997) aprender a lidar com o conflito de maneira a amenizá-lo parece muito importante tanto para as relações que as crianças possuem com seus pares como para o estabelecimento e manutenção de futuras relações.

Neste estudo considerou-se a ocorrência de “afiliação” quando comportamentos inclusos nas categorias “brincar” e “afiliar” eram apresentados entre os protagonistas durante o conflito (caracterizando sua resolução) ou em um período de até 2 minutos após o mesmo. A “afiliação” foi verificada em 42% dos episódios registrados, frequência esta superior aquelas mencionadas por Killen e Turiel (1991) e Fríoli (1997). O que pode se relacionar a menor idade dos sujeitos observados.

A maioria das afiliações observadas (47%) foi iniciada pelo ator (iniciador) do conflito. Resultado este que se assemelha ao de Butovskaya e Kozintsev (1999), que obtiveram a maioria dos primeiros “comportamentos afiliativos” posteriores ao conflito,

iniciados pelos agressores. Supõe-se portanto certa semelhança entre os processos de “reconciliação” de crianças e os de outras espécies primatas. De acordo com de Waal (1993) em pelo menos três espécies de macacos (*Pan paniscus*; *Macaca mulatta*, e *Erythrocebus patas*) a “reconciliação” é geralmente iniciada pelos agressores.

Não foi verificada uma relação entre a frequência de ocorrência de afiliações e o gênero dos protagonistas (MM, MF, FF e FM), o que também foi constatado por Butovskaya e Kosintsev (1999). Por outro lado, Sackin e Thelen (1984) e Fríoli (1997) obtiveram uma maior frequência de “comportamentos conciliatórios” entre crianças do mesmo sexo.

A partir dos resultados obtidos podemos de certa forma inferir que crianças se “reconciliam”, embora o método para coleta de dados utilizado não tenha sido o “matched-control” (PC/MC), que comumente é usado em pesquisas sobre reconciliação. A não utilização do método “matched-control” impossibilitou a obtenção de uma medida precisa de “reconciliação”, bem como a identificação de diferenças quantitativas e qualitativas entre comportamentos afiliativos da vítima no pós-conflito e em outras situações. Por outro lado, de acordo com Butovskaya e Kozintsev (1999) a medida da tendência à conciliação (método “matched-control”) sugerida originalmente por de Waal e Roosmalen (1979) para o estudo com primatas não humanos, vem sendo questionada quanto à sua necessidade e viabilidade ao se tratar do comportamento humano. Segundo Ljunberg e col. (1999), o método de coleta e análise de dados “matched-control” (“PC/MC”) possui uma utilização limitada em relação aos estudos de resolução de conflitos com pequenos grupos de crianças em ambiente fechado, principalmente por enfatizar apenas os comportamentos da vítima. Os autores ressaltam ainda a importância do registro da aceitação ou não do comportamento afiliativo pelo adversário, fator este que poderia influenciar a frequência de ocorrência de agressividade e de atividades deslocadas.

2 – Análise de Regressão Logística Direta

A análise de regressão logística direta foi realizada com o intuito de verificar possíveis variáveis envolvidas diretamente no conflito (variáveis independentes) que estivessem relacionadas à presença de afiliação entre os protagonistas no pós-conflito (variável dependente). A utilização de 16 variáveis independentes gerou um índice de predição do modelo de 69%. Cinco das 16 variáveis apresentaram-se correlacionadas negativamente à ocorrência de afiliação entre os adversários no período pós-conflito, ou seja, sua presença aparentemente inibe a ocorrência da afiliação.

Quatro destas variáveis diziam respeito a uma interação (amigável ou agressiva) entre um dos protagonistas e uma terceira criança, até então não envolvida no conflito, sendo que esta necessariamente deveria partir do protagonista. A quinta e última variável dizia respeito à separação dos protagonistas imediatamente após o conflito (caracterizando a resolução do mesmo ou até 2 minutos após sua resolução).

Ao considerarmos apenas as variáveis que indiquem interação agressiva de um dos protagonistas com uma terceira criança, podemos supor a ocorrência de um redirecionamento da agressão. Portanto, ao que parece, a presença de redirecionamento da agressão pode funcionar como redutor da ocorrência de comportamentos afiliativos entre adversários no pós-conflito. Estes dados corroboram os resultados de Butovskaya e Kosintsev (1999), que obtiveram uma alta taxa de “reconciliação” entre os conflitos onde não houve redirecionamento da agressão. Os autores concluem que o redirecionamento da agressão se torna menos freqüente em situações onde a “reconciliação” tenha ocorrido. Daí pressupor-se a existência de uma correlação negativa entre a agressão redirecionada e a afiliação pós-conflito.

O fato de se ter observado a existência de uma correlação negativa entre o afastamento dos protagonistas e a presença de “afiliação” no pós-conflito, se assemelha aos resultados de

Sackin e Thelen (1984). De acordo com estes autores a separação dos protagonistas está relacionada à posterior apresentação de comportamentos subordinados e não “conciliatórios” ou “afiliativos”, sendo que estes últimos estariam relacionados a resoluções pacíficas nas quais os protagonistas se mantinham próximos.

Vale ressaltar, entretanto, que os resultados de uma regressão logística dependem da natureza das variáveis incluídas na análise. Variáveis relativas à dinâmica do grupo, como por exemplo à presença de hierarquias de dominância, relações de amizade, status social não foram consideradas neste estudo e devem fazer parte de estudos posteriores que utilizem diferentes metodologias.

Outro possível vies metodológico tem a ver com tempo de registro utilizado para a averiguação da afiliação pós-conflito (2 minutos). É possível, por exemplo, que a latência para a reconciliação de indivíduos que se afastam após o conflito seja maior do que quando a diade permanece próxima.

Conclusões finais

Não seria possível entender o funcionamento grupal sem levar em conta a presença de conflitos entre os indivíduos. Estes se constituem como parte integrante das relações sociais, portanto o conhecimento de sua dinâmica de funcionamento se faz necessário para o entendimento da sociedade.

Os conflitos entre crianças aparentemente se caracterizam por padrões variados de conduta, os quais podem se relacionar a diferenças individuais, natureza da dinâmica relacional entre os indivíduos do grupo, nível sócio-econômico, vínculos da criança com a família (especialmente com a mãe), valores, problemas psicológicos e de ajustamento etc. (Bakeman & Bownlee 1982; Mathys *et al.* 1995).

Pode-se observar que a maioria dos resultados encontrados, no presente estudo, se assemelham a dados obtidos por outras pesquisas. Quanto à parte descritiva das análises podemos citar, por exemplo, o fato dos meninos terem iniciado um maior número de conflitos do que as meninas. Outra questão seria o fato da quase totalidade dos episódios ter se iniciado por uma “agressão física” ou por um “assalto”, o que se justifica a partir da pouca idade dos sujeitos observados. Podemos ressaltar ainda a alta taxa de afiliação encontrada, sendo que estas em sua maioria foram iniciadas pelo agressor. Tais comportamentos chamados “conciliatórios”, entre os adversários no período pós-conflito serviriam para restaurar a estabilidade dos laços individuais e a estrutura dos sistemas grupais (Mendes 1990).

Quanto à análise de Regressão Logística pode-se ressaltar a correlação negativa observada entre a presença do redirecionamento da agressão e o afastamento dos protagonistas e a ocorrência de afiliação entre os protagonistas no pós-conflito.

Aos resultados obtidos deve-se considerar alguns fatores, em relação ao grupo de crianças observado, tais como a idade e o nível social dos sujeitos, a dinâmica do grupo, as

condições do ambiente de observações, diferenças individuais de conduta, as variáveis e a metodologia utilizadas e a natureza das observações.

Espera-se com este trabalho ter contribuído para uma melhor compreensão do comportamento agressivo em crianças sob um ponto de vista etológico, à medida que o acúmulo de dados sobre o tema tem demonstrado que apesar de certos padrões aparentemente específicos da espécie, conflitos entre crianças envolvem diversos fatores biológicos, sociais e culturais.

Sugere-se então, que novas pesquisas sobre a resolução de conflito em crianças e sua relação com hierarquias de dominância, relações de amizade, gênero e idade sejam desenvolvidas, em culturas distintas e a partir de diferentes métodos de coleta e análise dos dados.

Referências Bibliográficas

- ALTMANN, J. 1974. Observational study of behavior: Sampling methods. *Behaviour*, **49**: 227-265.
- AURELI, F.; Das, M. & VEENEMA, H.C. 1997. Differential Kinship Effect on Reconciliation in Three Species of Macaques (*Macaca fascicularis*, *M. fuscata*, and *M. sylvanus*). *Journal of Comparative Psychology*, **111(1)**: 91-99.
- BAKEMAN, R. & BROWNLEE, J.R. 1982. Social Rules Governing Object Conflicts in Toddlers and Preschoolers. In: K.H. Rubin & H. S. Ross (Eds.) Peer Relationships and Social Skills in Childhood. New York: Springer-Verlag New York Inc.
- BERKOWITZ, L. 1988. Frustrations, appraisal, and aversively stimulated aggression. *Aggressive Behavior*, **14**: 3-11.
- BLURTON JONES, N. 1972. Estudos Etológicos do Comportamento da Criança. São Paulo: Pioneira.
- BROWNLEEN, J.R. & BAKEMAN, R. 1981. Hitting in toddler-peer interaction. *Child Development*, **52** (3): 1076-1079.
- BUTOVSKAYA, M. & KOSINTSEV, A. 1999. Aggression, Friendship, and Reconciliation in Russian Primary Schoolchildren. *Aggressive Behavior*, **25**: 125-139.
- CAPLAN, M.; VESPO, J.; PEDERSEN, J. & HAY, D.F. 1991. Conflict and Its Resolution in Small groups of One- and Two-Year-Olds. *Child Development*, **62**: 1513-1524.
- CARVALHO, A.M.A. 1989. Brincar juntos: Natureza e função da interação entre crianças. *Anais de Etologia*, **4**:199-210.
- CASTRO, M.F. e CARVALHO, A.M.A. 1981. Incidentes agressivos na pré-escola. *Psicologia*, **7**: 51-83.
- CASTLES, D. & WHITEN, W.G. 1998. Post-conflict Behavior of Wild Olive Baboons I. Reconciliation, Redirection and Consolation. *Ethology*, **104**: 126-147.

- COIE, J.D.; DODGE, K.A.; TERRY, R. & WRIGHT, V. 1991. The Role of Aggression in Peer Relations: An Analysis of Aggression Episodes in Boys' Play Groups. *Child Development*, **62**: 812-826.
- CORDS, M. 1998. Resolution of aggressive conflicts by immature male long-tailed macaques. *Animal Behavior*, **36**: 1124-1135.
- DODGE, K.; COIE, J.; PETTIT, G. & PRICE, J. 1990. Peer status and aggression in boys' groups: developmental and contextual analyses. *Child Development*, **61**: 1289-1309.
- EIBL-EIBESFELDT, I. 1970. Amor e ódio, L. Soczka & J.P. Bastos (Eds.). Lisboa: Livraria Bertrand.
- ECKERMAN, C.O.; DAVIS, C.C. & DIDOW, S.M. 1989. Toddlers' emerging ways of achieving social coordinations with a peer. *Child Development*, **60**: 440-453.
- EISENBERG, N.; GUTHRIE, I.K.; MURPHY, B.C.; SHEPARD, S.A.; CUMBERLAND, A. & CARLO, G. 1999. Consistency and Development of Prosocial Dispositions: A Longitudinal Study. *Child Development*, **70(6)**: 1360-1372.
- FABES, R.A. & EISENBERG, N. 1992. Young Children's Coping with Interpersonal Anger. *Child Development*, **63**: 116-128.
- FAVER, J.A.M. & BRANSTETTER, W.H. 1994. Preschoolers' prosocial responses to their peers' distress. *Developmental Psychology*, **30**: 334-341.
- FRÍOLI, P.M.A. 1997. Conflito e Reconciliação entre Crianças Pré-Escolares. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- GRAMMER, K. 1992. Intervention in conflicts among children: contexts and consequences. In: A. H. Harcourt & F. B. M. de Waal (Eds.) Coalitions and alliances in humans and other animals. New York: Oxford University Press.
- GUST, D.A. & GORDON, T.P. 1993. Conflict resolution in sooty mangabeys. *Animal Behavior*, **46**: 685-694.
- HAY, D.F. & ROSS, H.S. 1982. The social nature of early conflict. *Child Development*, **53**: 105-113.

- HARTUP, W.W.; LAURSEN, B.; STEWART, M.I. & EASTENSON, A. 1988. Conflict and the Friendship Relations of Young Children. *Child Development*, **59**: 1590-1600.
- HARTUP, W.W.; FRENCH, D.C.; LAURSEN, B.; JOHNSTON, M.K. & OGAWA, J.R. 1993. Conflict and friendship relations in middle childhood: Behavior in a closed-field situation. *Child Development*, **64**: 445-454.
- KATZ, B. 1994. Post-Conflict Behavior among Chimpanzees: Interactions with the Aggressor. Department of Comparative Physiology, sector Ethology and Socio Ecology, Utrecht.
- KILLEN, M. & TURIEL, E. 1991. Conflict resolution in preschool social interactions. *Early Education and Development*, **2**: 240-255.
- LAUER, C. 1992. Variability in the Patterns of Agonistic Behavior of Preschool Children. In: J. Silverberg & J. P. Gray (Eds.) Aggression and Peacefulness in Humans and Other Primates. New York: Oxford University Press.
- LJUNGBERG, T. ; WESTLUND, K. & FORSBERG, J.L. 1999. Conflict resolution in 5-year-old boys: does postconflict affiliative behaviour have a reconciliatory role? *Animal Behaviour*, **58**: 1007-1016.
- MACCOBY, E.E. & JACKLIN, C.N. 1980. Sex differences in aggression: A rejoinder and reprise. *Child Development*, **51**: 964-980.
- MAIER, R. 1988. Comparative Animal Behavior: An Evolutionary and Ecological Approach. Boston: Ed. Allyn and Bacon.
- MENDES, F.D.C. 1990. Afiliação e hierarquia no miquiqui: o grupo Matão da Caratinga. Tese de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- MASON, W.A. & MENDONZA, S.P. 1993. Primate Social Conflict: An Overview of Sources, Forms and Consequences. In: W.A. Mason & S.P. Mendoza (Eds.) Primate Social Conflict. New York: State University of New York Press.
- MATTHYS, W.; DE VRIES, H.; HECTORS, A.; VEERBEEK, M.; HEIDEMANN, W.; GOUD, M.; VAN HOOFF, J.A.R.A.M.; VAN ENGELAND, H. 1995. Differences Between Conduct Disordered and Normal control children in Their Tendencies to

- Escalate or Neutralize Conflicts when Interacting with Normal Peers. *Child Psychiatry and Human Development*, **26** (1): 29-41.
- NELSON, J. & ABOUD, F.E. 1985. The Resolution of social Conflict between Friends. *Child Development*, **56**: 1009-1017.
- SCHAIK, C. VAN. 1983. Why are diurnal primate living in groups? *Behavior*, **87**: 120-144.
- SACKIN, S. & THELEN, E. 1984. An ethological study of peaceful associative outcomes to conflict in preschool children. *Child Development*, **55**: 1098-1102.
- SERBIN, L.A.; O' LEARY D.L.; KENT, R. & TONICK. I. 1973. A Comparison of teacher response to the pre-academic and problem behavior of boys and girls. *Child Development*, **44**: 796-804.
- SETZ, E.Z.F. 1991. Métodos de qualificação de comportamento de primatas em estudos de campo. *A Primatologia no Brasil*, **3**: 411-435.
- SHANTZ, C.V. 1987. Conflicts between Children. *Child Development*, **58**: 283-305.
- SMITH, P.K. & CONNOLLY, M. 1972. Brincadeiras e Interação Social em Crianças de Idade Pré-Escolar. In: Estudos Etológicos do comportamento da Criança. (Ed. N. G. Blurton Jones). São Paulo: Pioneira.
- SMITH, P. & GREEN, M. 1975. Aggressive behavior in English nurseries and play groups: Sex differences and responses of adults. *Child Development*, **46**: 211-214.
- STRAYER, F.F. 1992. The Developmente of Agonistic and Affiliative strutures in Preschool Play Groups. In: Aggression and Peacefulness in Humans and Other Primates. (Eds. J. Silverberg & P. Gray). New York: Oxford University Press.
- STRAYER, F.F. & STRAYER, J. 1976. An Ethological Analysis of Social Agonism and Dominance relations among Preschool Children. *Child Development*, **17**: 980-989.
- STRAYER, J. & STRAYER. F.F. 1978. Social aggression and power relations among pre-school childrren. *Agressive Behavior* **4**: 173-182.
- TABACHNICK, B.G. & FIDELL, L.S. 1996. Using Multivariate Statistics. 3º edição. New York: Harper Collins College Publisbers.

- UNDERWOOD, M.K., COIE, J.D. & HERBSMAN, C.R. 1992. Display for Anger and Agression in School-Age Children. *Child Development*, **63**: 366-380.
- de WAAL, F.B.M. 1993. Reconciliation among Primates: A Review of Enpirical Evidence and Theoretical Issues. In: Primate Social Conflict. (Eds. W. A. Mason & S. P. Mendoza). New York: State University of New York Press.
- de WAAL, F.B.M. 1989. Peacemaking among Primates. Harward University Press.
- de WAAL, F.B.M. & van ROOSMALEN, A. 1979. Reconciliation and Consolidation among Chipanzees. *Behavior Ecology and Sociobiology*, **5**: 55-66.
- de WAAL, F.B.M. & YOSHIHARA, D. 1983. Reconciliation and redirected affection in rhesus monkeys. *Behaviour*, **85**: 224-241.
- WALTERS, J.R. & SEYFARTH, R.M. 1987. Conflitct and Cooperation. In: Primate Societes. (Eds. Smuts, B.; Cheney; Seyfarth, R.M.; Wrangham, R.W. & Struhsaker, T.T.). Chicago: University of Chicago Press.

Anexo I – Análises descritivas

Anexo I A – Análises combinatórias

Anexo I B – Tabelas de 1 a 11 – Frequências observadas e porcentagens relativas em relação ao gênero dos sujeitos, categorias apresentadas e momento do episódio de conflito.

Anexo II – Análise de Regressão Logística

Anexo II A – Dados utilizados para as análises

Anexo II B – Tabela de classificação para V17 (Dependente)

Anexo II C – Tabela de valores obtidos para as variáveis independentes na equação do modelo. Valores de “B”, Wald Test, e significância.

Anexo II D – Matrix de correlação das variáveis dependentes entre si e em relação à constante

Anexo I – Análises descritivas

Anexo I A - Análises combinatórias

1 - Análise combinatória realizada com a presença de todos os sujeitos

$$P(MM) = \frac{A_{16.2}}{A_{24.2}} = 240 / 552 = 0.4347 = 43.5\%$$

$$P(MF) = \frac{A_{16.1} \times A_{8.1}}{A_{24.2}} = 128 / 552 = 0.231 = 23.2\%$$

$$P(FM) = \frac{A_{8.1} \times A_{16.1}}{A_{24.2}} = 128 / 552 = 0.231 = 23.2\%$$

$$P(FF) = \frac{A_{8.2}}{A_{24.2}} = 56 / 552 = 0.10 = 10.1\%$$

2- Análise combinatória sem os sujeitos desagregadores

$$P(MM) = \frac{A_{15.2}}{A_{20.2}} = 210 / 380 = 0.552 = 55\%$$

$$P(MF) = \frac{A_{15.1} \times A_{5.1}}{A_{20.2}} = 75 / 380 = 0.197 = 20\%$$

$$P(FM) = \frac{A_{15.1} \times A_{5.1}}{A_{20.2}} = 75 / 380 = 0.197 = 20\%$$

$$P(FF) = \frac{A_{5.2}}{A_{20.2}} = 20 / 380 = 0.052 = 5\%$$

Anexo IB – Tabelas de 1 a 11 - Frequências observadas e porcentagens relativas em relação ao gênero dos sujeitos, categorias apresentadas e momento do episódio de conflito

Tabela 1- Frequência observadas e porcentagens relativas do número de episódios de cada tipo em relação ao total.

	fo	pó
MM	173	70%
MF	41	17%
FM	20	8%
FF	15	6%
Total	249	100%

Tabela 2- Frequências observadas e porcentagens relativas do número de episódios de cada tipo em relação ao total. Sem os sujeitos desagregadores (um menino que iniciou 40 episódios e três meninas que não iniciaram nenhum).

	fo	pô
MM	146	70%
MF	28	13%
FM	20	10%
FF	10	7%
Total	209	100%

Tabela 3 – Frequências observadas e porcentagens relativas, quanto à comparação entre o comportamento inicial do conflito e o gênero dos protagonistas.

	MM		MF		FF		FM	
agressão	85	49%	20	49%	11	73%	11	55%
assalto	88	51%	21	51%	4	27%	9	45%
Total	173	100%	41	100%	15	100%	20	100%

Tabela 4 – Frequências observadas e porcentagens relativas das categorias apresentadas como “primeiras respostas” em relação ao gênero dos protagonistas.

	MM		MF		FF		FM	
agressão	39	25%	10	26%	4	27%	2	10%
assalto	48	30%	17	45%	5	33%	6	30%
submissão	72	45%	11	29%	6	40%	12	60%
Total	159	100%	38	100%	15	100%	20	100%

Tabela 5- Frequências e porcentagens observadas quanto a comparação entre as categorias iniciais do conflito (“agressão” e “assalto”) e a primeira resposta do receptor (“agressão”, “objeção”, “submissão” e “pedido de ajuda”).

	Agressão		objeção		submissão		pedido de ajuda		Total
agressão	39	71%	20	26%	59	58%	9	53%	127
assalto	16	29%	56	74%	42	42%	8	17%	122
Total	55	100%	76	100%	101	100%	17	100%	249

Tabela 6 – Frequências observadas e porcentagens relativas, quanto a comparação entre os critérios de resolução do conflito (afastar, ceder, afiliar e mudar de comportamento) e o gênero dos protagonistas do conflito.

	MM		MF		FF		FM	
afastar	79	46%	12	29%	7	46%	7	35%
ceder	14	8%	3	7%	1	7%	3	15%
afiliar	31	18%	9	22%	1	7%	7	5%
mudar de cpt	49	28%	17	42%	6	40%	9	45%
Total	173	100%	41	100%	15	100%	20	100%

Tabela 7 – Frequências observadas e porcentagens relativas, quanto a comparação entre a categoria inicial do episódio (“agressão” ou “assalto”) e os critérios de resolução do conflito (“afastar”, “afiliar” e “mudar de comportamento”).

	Afastar		afiliação		mudar de cpt		Total
agressão	63	50%	20	48%	44	54%	127
assalto	63	50%	22	52%	37	46%	122
Total	126	100%	42	100%	81	100%	245

Tabela 8 - Frequências observadas e esperadas de intervenções da professora em relação a cada tipo de conflito.

	Intervenções da professora	
	fo	pó
MM	49	82%
MF	7	12%
FF	3	5%
FM	1	1%
Total	60	100%

Tabela 9 – Frequências observadas e porcentagens relativas em comparação entre o tipo da interferência (pacífica ou agressiva) e sua direção (direcionada ao iniciador ou receptor do conflito).

	Direção da intervenção				Total
	iniciador		receptor		
pacíficas	81	68%	109	81%	190
agressivas	38	32%	26	19%	64
Total	119	100%	135	100%	254

Tabela 10 – Comparação entre os tipos de conflito e a autoria da afiliação (iniciador ou receptor do conflito). Frequências observadas e porcentagens relativas.

	MM		MF		FF		FM		total
iniciador	35	58%	7	50%	3	43%	4	44%	49
receptor	25	42%	7	50%	4	57%	5	56%	41
total	60	100%	14	100%	7	100%	9	100%	90

Tabela 11- Comparação entre os tipos de conflitos e a frequência observada e porcentagens relativas de afiliação entre os protagonistas no pós-conflito.

	Afiliação entre protagonistas	
MM	70	67%
MF	19	18%
FF	7	7%
FM	9	8%
total	105	100%

Anexo II - Resultados da análise de regressão logística.

Anexo II A - Dados utilizados para as análises

Numero total de casos atribuídos: 249

Número de casos selecionados: 249

Número de casos não selecionados: 0

Número de casos rejeitados por falta de dados: 0

Número de casos inclusos na análise: 249

Variável Dependente Encoding:

Valor Original	Valor Atribuído
,00	0
1,00	1

Variável Dependente: V17

Variáveis Independentes: V1, V2, V3, V4, V5, V6, V7, V8, V9, V10, V11, V12, V13, V14, V15, V16

Anexo II B - Tabela de classificação para V17

Valor médio = 0,5

Observado	Predito		Porcentagem de predição
	1,00 1	0,00 0	
1,00	57	45	55,88%
0,00	32	115	78,23%
	Porcentagem Total aproximada		69,08%

Anexo II C - Tabela 1 -Valores obtidos para as variáveis independentes na equação do modelo. B - valores dos coeficientes das variáveis na equação utilizada pelo modelo, **"Wald Test"**- teste a partir do qual obteve-se graus de significância, **df**- graus de liberdade obtidos para o "Wald Test", **Exp(B)**- exponencial dos valores de B, **IC para Exp(B)**- intervalo de confiança para valores de B exponencial.

Variáveis independentes	B	"Wald Test"	df	sig.	R	95% IC para Exp(B)		
						Exp(B)	a baixo	a cima
V1	,2312	,3005	1	,5836	,0000	1,2602	,5513	2,8807
V2	,0341	,0087	1	,9257	,0000	1,0347	,5049	2,1205
V3	,4925	,3335	1	,5636	,0000	1,6365	,3075	8,7086
V4	-,1188	,0191	1	,8902	,0000	,8880	,1644	4,7955
V5	,0769	,0421	1	,8374	,0000	1,0800	,5181	2,2509
V6	-,3778	1,5585	1	,2119	,0000	,6854	,3788	1,2403
V7	-,5607	3,0819	1	,0792	-,0567	,5708	,3052	1,0675
V8	-,3090	,5371	1	,4636	,0000	,7342	,3213	1,6776
V9	-,6300	2,5727	1	,1087	-,0412	,5326	,2466	1,1501
V10	-,6400	,7376	1	,3904	,0000	,5273	,1224	2,2718
V11	-,5358	1,7981	1	,1799	,0000	,5852	,2674	1,2806
V12	-,8988	6,9763	1	,0083	-,1215	,4071	,2089	,7931
V13	-1,2703	4,9854	1	,0256	-,0941	,2807	,0921	,8562
V14	-,7193	4,4928	1	,0340	-,0860	,4871	,2505	,9473
V15	-1,3574	4,0037	1	,0454	-,0771	,2573	,0681	,9726
V16	-,5713	3,8336	1	,0502	-,0738	,5648	,3188	1,0006
Constante	6,3937	21,2899	1	,0000				

Anexo II D - Matrix de Correlação das variáveis dependentes entre si e com a constante:

	Constante	V1	V2	V3	V4	V5	V6
Constante	1,00000	,02160	,06954	-,03525	,04360	-,20927	-,27356
V1	,02160	1,00000	-,20930	,10881	-,13658	-,05707	,06800
V2	,06954	-,20930	1,00000	,01591	-,02475	-,08370	-,17634
V3	-,03525	,10881	,01591	1,00000	-,93658	,00922	,13574
V4	,04360	-,13658	-,02475	-,93658	1,00000	-,10017	-,15390
V5	-,20927	-,05707	-,08370	,00922	-,10017	1,00000	,17782
V6	-,27356	,06800	-,17634	,13574	-,15390	,17782	1,00000
V7	-,13543	-,06563	,07206	,03146	,01450	-,08364	-,06924
V8	-,09603	,00051	-,03362	-,06213	,02857	,01620	,01410
V9	-,17880	-,09512	,06515	-,06451	,03207	-,15080	,01657
V10	-,51807	,03930	-,08772	-,00932	,00346	,03797	,04676
V11	-,35209	-,07603	-,04977	-,03141	,01632	,02739	,10005
V12	-,24290	,04506	-,07731	,00354	-,02001	,05641	-,01123
V13	-,42694	,02604	-,04829	,03510	-,05095	,02150	,16285
V14	-,20630	-,18605	,08049	-,10556	,11776	-,06008	-,00024
V15	-,47377	,01577	-,01714	,07468	-,08247	,04660	,02391
V16	-,10256	-,04182	-,07646	-,04063	,06065	-,02196	,09725

	V7	V8	V9	V10	V11	V12	V13
Constante	-,13543	-,09603	-,17880	-,51807	-,35209	-,24290	-,42694
V1	-,06563	,00051	-,09512	,03930	-,07603	,04506	,02604
V2	,07206	-,03362	,06515	-,08772	-,04977	-,07731	-,04829
V3	,03146	-,06213	-,06451	-,00932	-,03141	,00354	,03510
V4	,01450	,02857	,03207	,00346	,01632	-,02001	-,05095
V5	-,08364	,01620	-,15080	,03797	,02739	,05641	,02150
V6	-,06924	,01410	,01657	,04676	,10005	-,01123	,16285
V7	1,00000	-,26992	,06559	-,02810	,07639	-,11967	,06370
V8	-,26992	1,00000	,06415	-,05188	-,00184	,11091	-,23250
V9	,06559	,06415	1,00000	-,11960	,04033	-,01834	,00298
V10	-,02810	-,05188	-,11960	1,00000	,07241	,07549	,03930
V11	,07639	-,00184	,04033	,07241	1,00000	-,03540	,09697
V12	-,11967	,11091	-,01834	,07549	-,03540	1,00000	-,04885
V13	,06370	-,23250	,00298	,03930	,09697	-,04885	1,00000
V14	,06091	-,03476	,04716	,02792	-,03467	,01163	,08155

V15	,06497	-,07499	-,00984	-,02341	,02631	,04537	,06476
V16	-,02362	,09125	,07808	-,02911	,06820	,11305	-,02485

	V14	V15	V16
Constante	-,20630	-,47377	-,10256
V1	-,18605	,01577	-,04182
V2	,08049	-,01714	-,07646
V3	-,10556	,07468	-,04063
V4	,11776	-,08247	,06065
V5	-,06008	,04660	-,02196
V6	-,00024	,02391	,09725
V7	,06091	,06497	-,02362
V8	-,03476	-,07499	,09125
V9	,04716	-,00984	,07808
V10	,02792	-,02341	-,02911
V11	-,03467	,02631	,06820
V12	,01163	,04537	,11305
V13	,08155	,06476	-,02485
V14	1,00000	-,03703	,01210
V15	-,03703	1,00000	-,12477
V16	,01210	-,12477	1,00000